

TRADUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL:

**SEMESP**



# INTERNATIONAL HIGHER EDUCATION

CENTRO INTERNACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DO BOSTON COLLEGE

## Edição #105

Impacto da COVID-19 no Ensino Superior Sob uma Perspectiva de Equidade

JAMIL SALMI ————— **5**

Desenvolvimento de Abordagens de Todo o Sistema para a Excelência de Ensino

PAUL ASHWIN ————— **9**

Relações Sino-Globais: Uma Guerra Fria no Ensino Superior?

LIZHOU WANG E WEN WEN ————— **13**

For weekly global higher education news and comment see our partner



[universityworldnews.com](http://universityworldnews.com)

Educação Doutoral: Perspectivas Globais

VICTOR RUDAKOV E MARIA YUDKEVICH ————— **23**

Emergindo da Névoa: Universidades Francesas e Classificações Globais

LUDOVIC HIGHMAN ————— **37**



**O Centro Internacional de Ensino Superior do Boston College**

traz consciência internacional para a análise do ensino superior. Acreditamos que uma perspectiva internacional contribuirá para políticas e práticas esclarecidas. Para atender a essa meta, o Centro publica trimestralmente o boletim International Higher Education, uma série de livros e outras publicações; patrocina conferências; e recebe visitantes acadêmicos. As opiniões aqui expressas não refletem necessariamente as opiniões do Centro Internacional de Ensino Superior. O Centro está diretamente relacionado ao programa de graduação em ensino superior da Lynch School of Education, Boston College. O Centro oferece mestrado e um Certificado em Ensino Superior Internacional. Para informações adicionais, acesse: <https://www.bc.edu/IHEMA> ou <https://www.bc.edu/IHECert>  
**Editor** Philip G. Altbach

**Editores Associados** Hans de Wit, Rebecca Schendel e Gerardo Blanco

**Editores** Hélène Bernot Ullerö e Tessa DeLaquil

**Sede Editorial**

Center for International Higher Education  
 Campion Hall  
 Boston College  
 Chestnut Hill, MA 02467–Estados Unidos  
**Tel:** +1 617 552-4236 **E-mail:** [ihe@bc.edu](mailto:ihe@bc.edu)  
[www.internationalhighereducation.net](http://www.internationalhighereducation.net)

*Aceitamos correspondência, ideias para artigos e relatórios.*

**Inscrição:**

*Se você deseja se inscrever, por favor acesse: [www.internationalhighereducation.net/en/newsletter](http://www.internationalhighereducation.net/en/newsletter). Não há custo para a assinatura digital; a taxa de €32/ano se aplica à assinatura da versão impressa que pode ser comprada do editor em: <https://shop.duz-medienhaus.de/internationalhigher-education.html>.  
**ISSN:** 1084-0613 (impresso), 2372-4501 (online)*

**O MUNDO PÓS-COVID**

- 3\_\_\_ Luta pelo Financiamento e contra a Desigualdade pós COVID-19  
**HANS DE WIT E PHILIP G. ALTBACH**
- 5\_\_\_ Impacto da COVID-19 no Ensino Superior Sob uma Perspectiva de Equidade  
**JAMIL SALMI**
- 7\_\_\_ “Futurologia” e Ensino Superior no Ambiente Pós-COVID-19  
**WILLIAM LOCKE**

**TEMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO**

- 9\_\_\_ Desenvolvimento de Abordagens de Todo o Sistema para a Excelência de Ensino  
**PAUL ASHWIN**
- 11\_\_\_ Informação e Mercados no Ensino Superior  
**JANJA KOMLJENOVIC**

**UMA GUERRA FRIA NO ENSINO SUPERIOR?**

- 13\_\_\_ Relações Sino-Globais: Uma Guerra Fria no Ensino Superior?  
**LIZHOU WANG E WEN WEN**
- 15\_\_\_ Tempos Desafiadores para Relações Sino-estrangeiras de Ciência e Tecnologia  
**ANTHONY WELCH**
- 17\_\_\_ Estudantes Chineses Interrompem Planos de Estudos nos EUA  
**XIAOFENG WAN**
- 19\_\_\_ Ensino Superior de Hong Kong: Um Ponto de Inflexão?  
**PHILIP G. ALTBACH E GERARD A. POSTIGLIONE**
- 21\_\_\_ Parcerias Sino-germânicas no Ensino Superior  
**MARIJKE WAHLERS**

**EDUCAÇÃO DOUTORAL: UMA RECONSIDERAÇÃO GLOBAL**

- 23\_\_\_ Educação Doutoral: Perspectivas Globais  
**VICTOR RUDAKOV E MARIA YUDKEVICH**
- 25\_\_\_ África: Desafios de Recursos para a Educação Doutoral  
**WONDWOSEN TAMRAT E GETNET TIZAZU FETENE**
- 27\_\_\_ Japão: Declínio de Candidatos a Doutorado — Crise para Inovação?  
**YUKIKO SHIMMI**

**PRÁTICAS QUESTIONÁVEIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

- 29\_\_\_ A Corrupção Acadêmica Pode Ser Erradicada?  
**LIZ REISBERG**
- 31\_\_\_ Comprar ou Não? Investimentos em Dissertação na Ucrânia  
**ARARAT L. OSIPIAN**
- 33\_\_\_ Falsas Afiliações Institucionais e Métricas de Gaming University  
**VIVIANNE C. BACHELET**

**PAÍSES E REGIÕES**

- 35\_\_\_ As Tragédias do Ensino Superior Brasileiro  
**MARCELO KNOBEL E FERNANDA LEAL**
- 37\_\_\_ Emergindo da Névoa: Universidades Francesas e Classificações Globais  
**LUDOVIC HIGHMAN**
- 39\_\_\_ Ainda não é o Nirvana: Implicações para o Ensino Superior Internacional nas Eleições nos Estados Unidos  
**PHILIP G. ALTBACH E HANS DE WIT**

40\_\_\_ **PUBLICAÇÕES CIHE**

40\_\_\_ **ATUALIZAÇÕES CIHE**

40\_\_\_ **NOTÍCIAS CIHE**

43\_\_\_ **CONSELHO EDITORIAL CIHE**



[twitter.com/BC\\_CIHE](https://twitter.com/BC_CIHE)



[facebook.com/Center.for.International.Higher.Education](https://facebook.com/Center.for.International.Higher.Education)

# Luta pelo Financiamento e contra a Desigualdade pós COVID-19

Hans de Wit e Philip G. Altbach

A pandemia de COVID-19 abriu uma caixa de Pandora de opções e previsões sobre o futuro papel do ensino superior. De um lado estão aqueles que predizem que nada vai mudar e que as coisas vão voltar ao "de costume" após a crise. Essas visões conservadoras parecem atualmente mais realistas do que as do outro lado, que prevêm uma revolução pela qual o ensino superior será radicalmente transformado. Numerosos artigos da *University World News* e em outros lugares argumentaram que a mudança radical é desejável e inevitável — e que reimaginar a educação pós-secundária é uma necessidade urgente.

Este não é o primeiro apelo para uma mudança revolucionária em uma das duas instituições mais antigas do mundo (a outra é a Igreja Católica Romana). Não muito tempo atrás, muitos argumentaram que os MOOCs iriam transformar o ensino superior — isso, claro, não aconteceu. Como escreve Henry Mance no *Financial Times* ("O Futuro da Universidade na Era de Covid," 18 de setembro de 2020), "Na verdade, a pandemia sublinhou a demanda pelo que as universidades fazem". Na abertura do ano acadêmico na Europa e na América do Norte, governos e líderes institucionais pediram a reabertura dos campi, assim como alguns professores e muitos alunos. A educação online foi aceitável por um curto período para enfrentar a primeira onda da pandemia. Mas tornou-se evidente que as instituições de ensino superior são mais do que provedores de educação. São comunidades vivas de professores e alunos, por dentro, mas ainda mais fora das salas de aula. "É improvável que os alunos comprometam grandes quantidades de tempo e dinheiro para consumir conteúdo online. Os alunos vão às universidades para conhecer pessoas excelentes, ter conversas inspiradoras com o corpo docente, colaborar com os pesquisadores no laboratório e vivenciar a vida social no campus", escreve corretamente o relatório *Education at a Glance* da OCDE. E embora houvesse a preocupação de que o número de alunos, tanto local quanto internacionalmente, caísse muito, a realidade no início do ano letivo é que eles parecem ter subido, inclusive para estudantes internacionais, embora países e instituições de ensino superior tenham sido afetados de forma diferente. Isso não surpreende, uma vez que em tempos de desemprego, a educação se torna uma alternativa. Os próximos anos dirão se este continuará a ser o caso, especialmente no que diz respeito aos estudantes internacionais.

Que voltar ao "normal" tem um preço, é certo. Onde as universidades foram abertas para ensino presencial ou híbrido, o entusiasmo dos alunos levou ao desrespeito de regras e pouca atenção à segurança, portanto, a um aumento significativo de infecções por COVID-19. Além disso, o renascimento da vida no campus é perceptível principalmente nas melhores universidades de países de alta renda, contribuindo para o aumento da desigualdade e exclusão. Universidades em todos os lugares estão sob severas restrições financeiras, devido aos custos adicionais de gestão da COVID-19, perda de receita e, cada vez mais, cortes orçamentários. Por essas razões, embora mudanças revolucionárias sejam improváveis, não há como voltar ao *status quo* pré-pandêmico. Mudanças acontecerão, reformas serão implementadas, mas gradualmente e com direção ativa e atenção às vozes dos alunos, professores e do mundo exterior.

## O Futuro da Pesquisa

Embora apenas uma pequena minoria das 20.000 ou mais universidades do mundo tenham uma missão de pesquisa significativa, a pesquisa feita nas universidades é de importância central para o setor universitário e para a sociedade. Universidades de todo o mundo estão atualmente engajadas na pesquisa da COVID-19, e a grande maioria dos especialistas em saúde pública que aparecem na mídia global são professores universitários. As universidades em geral estão protegidas da politização da ciência que é evidente em...

## Resumo

A pandemia de COVID-19 abriu uma caixa de Pandora sobre o futuro papel do ensino superior. A educação online era aceitável por um curto período, mas deixou claro que as instituições de ensino superior também são uma comunidade viva. A pandemia destacou a importância da colaboração internacional em pesquisas. Mas, por causa de graves desacelerações econômicas, a pandemia piorou dramaticamente as qualidades ineficazes no ensino superior e no setor de pesquisa.

**Por causa de graves desacelerações econômicas como resultado da pandemia, o financiamento para pesquisa provavelmente diminuirá ainda mais nos países de renda média e baixa, onde já é limitado.**

*Hans de Wit é professor emérito e membro ilustre do Centro Internacional de Ensino Superior do Boston College (CIHE), EUA.  
E-mail: dewitj@bc.edu*  
*Philip G. Altbach é professor pesquisador e membro ilustre, CIHE. E-mail: altbach@bc.edu*

alguns países e estão sendo reconhecidas como principais contribuintes para resolver a crise de saúde global mais dramática dos tempos modernos. A pandemia destacou a importância da pesquisa e da colaboração na pesquisa. “A colaboração em pesquisa global é uma boa notícia em um momento difícil”, escreve Simon Marginson (*International Higher Education* #104). Se olharmos para as cerca de 30 iniciativas atualmente trabalhando em vacinas, todas dependem de parcerias internacionais de pesquisadores — localizados em empresas multinacionais, institutos de pesquisa e universidades que precisam de acesso às melhores mentes, equipamentos sofisticados e oportunidades de teste em diferentes partes do mundo. O esforço é verdadeiramente global e ilustra a necessidade da globalização da ciência e do incentivo.

A crise da COVID-19 também mostra que a solução do problema é fundamentalmente interdisciplinar e que as universidades são as únicas instituições capazes de reunir facilmente o conhecimento das ciências físicas e sociais. Além disso, a maioria dos acadêmicos de saúde pública voltados para a pesquisa estão baseados em universidades, e os institutos acadêmicos de saúde pública têm estado na vanguarda da compreensão dos vários aspectos da COVID-19. Cientistas sociais de uma variedade de campos, incluindo economia, sociologia, antropologia e outros, fornecem os conhecimentos necessários.

#### **Desafios**

Mas também há preocupações. A OCDE alertou que, se o número e a qualidade dos alunos internacionais de doutorado e pós-doutorado diminuírem após o COVID-19, a pesquisa será significativamente enfraquecida, uma vez que eles constituem uma proporção significativa do pessoal do laboratório. A bênção de financiamento prevista por David Matthews em seu artigo de 14 de setembro de 2020 na *Times Higher Education* (“As universidades europeias estão preparadas para uma bonança de financiamento de estímulo”) é relativa. O orçamento de investigação da Comissão Europeia para 2021–2027 deverá ser reduzido de 94 para 86 mil milhões de euros, como resultado de um acordo sobre fundos de recuperação entre os líderes europeus. Também existem preocupações sobre as ações nacionalistas que limitam a colaboração internacional em pesquisas. Os exemplos mais dramáticos se manifestam nas tensões entre os EUA e a China e entre a Austrália e a China e nos esforços de alguns governos para evitar a distribuição equitativa de vacinas.

Por causa de graves desacelerações econômicas como resultado da pandemia, o financiamento para pesquisa provavelmente diminuirá ainda mais nos países de renda média e baixa, onde já é limitado. Uma exceção pode ser a China, principalmente nas ciências exatas, como resultado dos recentes investimentos maciços em universidades de pesquisa e os primeiros sinais de recuperação econômica — mas as restrições contínuas à liberdade acadêmica nas ciências sociais e humanas colocam a pesquisa interdisciplinar em risco.

A pandemia piorou dramaticamente as desigualdades no setor de ensino superior e pesquisa — entre alunos, professores e instituições — e entre países. Abordar esta tendência negativa “exigirá uma visão de longo prazo, mudanças estruturais e compromisso coletivo de todos os acadêmicos, partes interessadas, instituições e países ao redor do mundo” (Xin Xu, “Impacto da pandemia de COVID-19 na pesquisa global,” *International Higher Education* #104). ▲

# Impacto da COVID-19 no Ensino Superior Sob uma Perspectiva de Equidade

Jamil Salmi

**E**mbara as interrupções causadas pela pandemia de COVID-19 afetem países ricos e pobres, os alunos de grupos sub-representados enfrentaram desafios maiores. Em países com implantação limitada de internet e baixa capacidade de banda larga, as oportunidades de aprendizagem online foram drasticamente restringidas. Faculdades e universidades em países de baixa renda têm lutado para implementar programas de educação à distância de qualidade devido à falta de acadêmicos experientes e de recursos adequados.

## Short-Term Effects and Reactions

- ▶ Encerramentos e transição para o ensino online: o grau de preparação era altamente desqualificado em todos os países e instituições. Universidades e faculdades em países em desenvolvimento enfrentaram sérias dificuldades de infraestrutura de TI e acesso à Internet.
- ▶ Impacto: a comoção provocada pelo fechamento abrupto de campi e a rápida mudança para o ensino online perturbaram a vida de estudantes em todo o mundo. Os alunos de grupos sub-representados foram atingidos de forma especialmente dura, sofrendo dificuldades econômicas, dificuldades de conexão e sofrimento emocional.
- ▶ Avaliação e exames na transição: muitas instituições de ensino superior têm lutado com escolhas difíceis sobre a avaliação online e o risco de fraudes cada vez maiores.
- ▶ Universidades enfrentando o desafio do COVID-19: um desenvolvimento positivo tem sido as respostas generosas de universidades em todo o mundo, contribuindo com seu conhecimento científico e recursos para combater a pandemia. As universidades desenvolveram um teste de COVID-19 mais rápido e barato, doaram equipamentos excedentes para ajudar hospitais e produziram suprimentos médicos, equipamentos de higienização e remédios.

## Efeitos de Longo Prazo

- ▶ Reabertura no outono: em países onde a pandemia ainda está forte, as decisões sobre a reabertura foram fortemente influenciadas por considerações políticas e econômicas. No Reino Unido e nos EUA, a negação da COVID-19 e a ameaça de dificuldades econômicas têm levado muitas IES a se arriscarem com a saúde de seus alunos.
- ▶ Aprendizagem diminuída e maior fracasso dos alunos: muitos alunos terão uma experiência de aprendizagem incompleta durante o ano acadêmico de 2019-2020. Além do impacto adverso na qualidade da experiência educacional durante a COVID-19, os problemas de saúde mental entre os alunos aumentaram.
- ▶ Recursos reduzidos, mudança na demanda, fechamentos e reestruturação: a crise revelou fragilidades estruturais nos modelos de financiamento existentes de muitos sistemas e instituições de ensino superior. Para instituições de ensino superior privadas totalmente dependentes de mensalidades e/ou estudantes internacionais, a sobrevivência financeira será seriamente testada. Um grande número de alunos com recursos limitados pode abandonar completamente o ensino superior. Em muitas nações de baixa renda que tradicionalmente alocaram financiamento público insuficiente para o ensino superior, geralmente menos de 0,5% do PIB, as consequências podem ser terríveis.
- ▶ Impacto na pesquisa: o fechamento de laboratórios e as restrições de viagens significam que os pesquisadores não podem continuar seus experimentos ou pesquisas de campo, exceto quando trabalho de laboratório remoto e colaborações são possíveis. Uma preocupação crescente para todas as universidades de pesquisa é a probabilidade de redução do financiamento nos próximos anos, exceto para programas diretamente relacionados a COVID-19. Dados sobre a produção de pesquisas revelaram que as...

## Resumo

Embora as interrupções causadas pela pandemia de COVID-19 afetem países ricos e pobres, alunos de grupos sub-representados enfrentaram desafios maiores. Em países com implantação limitada de internet e baixa capacidade de banda larga, as oportunidades de ensino online foram drasticamente restringidas. Faculdades e universidades em países de baixa renda têm lutado para implementar programas de educação à distância de qualidade devido à falta de acadêmicos experientes e de recursos adequados.

**A crise testou as habilidades de liderança de presidentes de faculdades e universidades de uma forma sem precedentes.**

mulheres acadêmicas foram afetadas mais seriamente do que os homens, refletindo a divisão distorcida do trabalho dentro das famílias.

### Políticas Nacionais de Mitigação

- Apoio financeiro: vários países de alta renda aprovaram rapidamente pacotes de resgate econômico para faculdades, universidades e/ou estudantes. Mas poucas nações de baixa renda foram capazes de fornecer um pacote de apoio considerável.
- Capacitação para conectividade e educação online: muitos países tentaram aumentar a conectividade para instituições de ensino superior e seus alunos. Os governos da África Subsaariana fortaleceram a capacidade de banda larga por meio de redes nacionais de pesquisa e educação (NRENS).
- Flexibilidade na garantia de qualidade e avaliação: o terceiro tipo de intervenção em nível nacional tem sido os esforços para trazer maior flexibilidade à aplicação de critérios de garantia de qualidade e métodos de avaliação.

### Políticas Institucionais de Mitigação

- Abordagens educacionais inovadoras: o primeiro passo para facilitar a transição para a educação online foi oferecer cursos intensivos no uso de plataformas digitais e aplicação de técnicas eficazes para ensino e aprendizagem online. As instituições com serviços de ensino e aprendizagem totalmente funcionais encontram-se mais bem preparadas para apoiar sua comunidade acadêmica. No centro de uma experiência de educação online de sucesso está o alinhamento do currículo, da pedagogia e da avaliação. Importante também é o reconhecimento de que o ensino online não é gravar uma palestra tradicional e colocá-la no site institucional, mas sim adotar métodos pedagógicos que envolvam os alunos em uma experiência educacional estimulante. Finalmente, muitas instituições descobriram que é indispensável fortalecer seus sistemas de apoio acadêmico e psicológico para alunos que foram pessoalmente afetados pela crise econômica e de saúde e têm lutado para se ajustar à educação online.
- Governança além da pandemia: a crise testou as habilidades de liderança de presidentes de faculdades e universidades de uma forma sem precedentes, forçando-os a tomar decisões rápidas e vitais para proteger a saúde da comunidade acadêmica e manter a continuidade dos negócios. Uma lição da crise foi a importância de uma comunicação eficaz e frequente para explicar, de forma honesta e transparente, os desafios e incógnitas trazidos pela COVID-19.
- Invenção de novos modelos econômicos: novas oportunidades podem surgir no período pós-pandêmico. As instituições de ensino superior podem levar a sério a aceitação de alunos adultos como um segmento legítimo de sua população estudantil-alvo. A adoção da aprendizagem ao longo da vida enfatiza a primazia do aluno, reconhece as competências adquiridas no trabalho e atende às necessidades de treinamento de uma clientela mais diversificada. As instituições de ensino superior também podem explorar alianças para oferecer diplomas conjuntos, ministrar cursos coletivamente e conduzir pesquisas de forma colaborativa, combinando talento e recursos financeiros de forma mais eficaz.
- Respostas com foco na equidade: uma das tarefas prioritárias para muitas instituições de ensino superior, imediatamente após o encerramento das atividades no campus, tem sido aliviar as dificuldades vividas por alunos de famílias de baixa renda e outros grupos vulneráveis. A ajuda financeira veio na forma de doações adicionais, empréstimos sem juros e acesso a bancos de alimentos. Para reduzir a exclusão digital, muitas instituições doaram dispositivos para alunos e pacotes de internet para fornecer acesso online. Nunca antes a força das faculdades e universidades foi testada tão meticulosamente como durante a atual pandemia. A crise da saúde revelou que o hiato digital e as desigualdades econômicas foram realidades incômodas que influenciaram diretamente na capacidade dos alunos de enfrentar a crise da COVID-19.

### Conclusão

Embora seja improvável que as melhores universidades do mundo sofram consequências adversas a longo prazo, para muitas instituições de ensino superior a sobrevivência financeira será um sério desafio. Milhões de alunos com recursos limitados podem abandonar completamente o ensino superior.

Uma vez que a pandemia expôs a extensão da exclusão digital e as desigualdades socioeconômicas que perpetuam lacunas gritantes entre as nações, instituições de ensino superior e os próprios estudantes, é essencial considerar medidas, em nível nacional e institucional, que se concentrem em alcançar a justiça no ensino superior para estudantes de famílias de baixa renda, estudantes do sexo feminino e minorias raciais e étnicas. ▲

*Jamil Salmi é especialista em educação superior global e pesquisador no Centro Internacional de Ensino Superior do Boston College, EUA.  
E-mail: jsalmi@tertiaryeducation.org*

## “Futurologia” e Ensino Superior no Ambiente Pós-COVID-19

William Locke

Nada como uma boa crise para suscitar ideias sobre diferentes futuros e novos começos. No mínimo, agora somos informados de que haverá um "novo normal" e nenhum retorno ao modo como as coisas eram antes do COVID-19. No entanto, mesmo antes da pandemia, havia muitos futurólogos — especialmente em países de língua inglesa — esclarecendo uma série de cenários cataclísmicos para o ensino superior em que vários fatores se combinavam para desafiar e interromper as convenções acadêmicas tradicionais, modelos de negócios e práticas de trabalho em universidades públicas. Alguns especulam que essas transformações podem vir a ameaçar os próprios alicerces do ensino superior, seu valor econômico e seu papel na sociedade.

Esses cenários geralmente apresentam alguma combinação dos seguintes chamados “desreguladores”: a transformação do emprego de pós-graduação; aumento das expectativas dos alunos; revolução tecnológica com uso generalizado de ensino online, análise de dados e inteligência artificial; expansão e restrições de financiamento público; turbulência política; e a crescente competição global, especialmente de instituições privadas com fins lucrativos e universidades de países emergentes. A essa mistura, o futurologista de vanguarda agora adiciona o impacto acelerador da COVID-19 e soma ainda suas ansiedades.

### O Discurso dos Futurologistas

Os futurologistas — que muitas vezes são consultores, “líderes de pensamento” e jornalistas — prevêm que o futuro trará mudanças rápidas e contínuas, desafios e incertezas para aqueles que administram e trabalham em universidades. Em resposta, esses gerentes e funcionários precisarão se transformar fundamentalmente para se adaptarem a essas novas condições e demandas. Em particular, a “força de trabalho” acadêmica do futuro terá que ser mais “ágil” e “flexível”, mais “profissionalizada” e sujeita a uma maior “especialização”. Um cenário da *Ernst and Young* até prevê que os acadêmicos se tornarão em grande parte trabalhadores autônomos que operam em várias instituições de ensino superior (IES) e empresas do conhecimento.

Assim, argumenta-se, o conservadorismo, a “mentalidade de silo”, a resistência à interdisciplinaridade e ao conhecimento prático, o sentimentalismo sobre os cursos de “baixo valor” e, é claro, o ritmo inerentemente glacial de mudança nas universidades públicas devem ser superados. A “força de trabalho” legada do ensino superior terá que ser desmantelada. Por acaso, prossegue o argumento, em meio à pandemia global e sua destruição de vidas, comunidades e instituições, essas transformações essenciais serão aceleradas.

### Resumo

Mesmo antes da COVID-19, os futurólogos afirmavam que várias interrupções no ensino superior estavam se combinando para criar cenários cataclísmicos para as universidades. Essas afirmações informam uma política cada vez mais dominante e um discurso administrativo sobre a necessidade de transformações rápidas e radicais nas convenções acadêmicas, modelos de negócios e práticas de trabalho. No entanto, o que é necessário são abordagens baseadas em evidências e iterativas para imaginar o futuro, com base nos experimentos das próprias universidades com novas formas de ensino superior.

**Nada como uma boa crise para suscitar ideias sobre diferentes futuros e novos começos.**

### Uma Metodologia Falha

Esses especialistas autodesignados em ensino superior baseiam-se principalmente em entrevistas e pesquisas de diretores de universidades, formuladores de políticas seniores e principais interessados, como líderes empresariais e empregadores. Eles raramente buscam as opiniões dos funcionários ou de alunos que trabalham e estudam em IES, muito menos consultam a pesquisa acadêmica existente sobre os desenvolvimentos e tendências nos sistemas de ensino superior em todo o mundo. No entanto, essa futurologia circula entre redes influentes e começa a informar a formulação de estratégias atuais dentro das instituições e a formulação de políticas nos níveis estadual, nacional e global. Portanto, não deve ser simplesmente descartado como marketing especulativo, mas avaliado como um discurso com influência e impacto material no comportamento e na tomada de decisões.

A futurologia cataclísmica caricatura modelos existentes de ensino superior público. As universidades são consideradas instituições tradicionais do “século vinte”, com orientação acadêmica, e não no aluno ou no cliente. Elas também são caracterizadas como muito semelhantes entre si e dominadas por uma força de trabalho acadêmica envelhecida que reluta em mudar. Os futurólogos citam quase que exclusivamente relatórios anteriores de consultoria de gestão, documentos de política e artigos de jornal. Eles reciclam mitos e lendas que se tornaram muito familiares como resultado, mas, francamente, não resistem ao escrutínio empírico.

### Trabalho Acadêmico por Evidência

Uma área em que faltam evidências diz respeito ao trabalho real que as pessoas realizam dentro das universidades. Os futurologistas ignoram muitas das evidências de pesquisas existentes sobre o trabalho acadêmico. Por exemplo, eles assumem que a profissão acadêmica ainda é amplamente homogênea e a grande maioria dos acadêmicos está em posições permanentes, realizando ensino e pesquisa. A evidência sugere o contrário. Há uma crescente literatura de pesquisa sobre a diversificação da “profissão” acadêmica, a ampla gama de ingressantes (incluindo de outras profissões), os diferentes caminhos de carreira que tomam e a erosão da carreira acadêmica linear. Além disso, o corpo docente de meio expediente, com contrato temporário, contingente, e que apenas dá aulas, cresceu significativamente no Reino Unido, Austrália e EUA nos últimos anos.

### Uma Abordagem Baseada em Evidências para Olhar para o Futuro

Em contraste com essas contas, devemos começar com uma análise precisa do presente, com base nas melhores evidências de pesquisas atuais e análise de tendências no passado recente, de médio e longo prazo. Isso deve incluir uma análise rigorosa dos exemplos existentes de práticas eficazes e bem-sucedidas que podem oferecer ilustrações embrionárias de desenvolvimentos para o futuro. Patrocinado pela União Europeia, os programas “Universities of the Future” e 21st Century Lab da University of Lincoln são dois exemplos.

Abordagens mais baseadas em evidências e iterativas para imaginar o futuro podem garantir que avaliemos toda a gama de fatores que influenciam as tendências atuais, incluindo fatores socioculturais, políticos e ambientais (e até legais), bem como fatores econômicos e tecnológicos. Podemos, então, evitar abordagens reducionistas que privilegiam atividades particulares e suposições determinísticas que priorizam resultados específicos.

### A Pandemia é o Desregulador Final?

Então, a pandemia é o desregulador final? Certamente está fornecendo bastante combustível para o moinho dos futurólogos. Dizem-nos que “estes são tempos sem precedentes” e, de fato, é raro o setor de ensino superior como um todo contrair e tantas universidades individuais diminuir. No entanto, já houve interrupções antes — guerras, incluindo guerras civis, movimentos nacionalistas, invasões, migrações em massa, todas as quais tiveram um sério impacto nas universidades em várias partes do mundo. Houve cortes no passado: após a crise financeira de 2008–2009, houve contração em muitos sistemas nacionais de ES, com o pessoal mudando para semanas de trabalho mais curtas e tendo cortes salariais, e esquemas de demissão voluntária e obrigatória, em troca da segurança no emprego da maioria que permaneceu.

Também somos informados de que “não haverá retorno ao velho normal”, mas a maioria das universidades está atualmente preocupada com a sobrevivência de curto a médio prazo e não alterando muito seus modelos de negócios e *modus operandi*, por medo do colapso. Uma crise não é um bom momento para começar uma nova estratégia, embora a estratégia antiga provavelmente esteja em frangalhos.

Quando as universidades tinham dinheiro para inovar, elas sentiam que não precisavam; mas agora, quando precisam renovar suas atividades, não têm recursos para investir no gerenciamento das mudanças necessárias.

Nada disso é bom para os consultores de gestão, é claro, que sofrerão como resultado da contração nas finanças das universidades. Então, talvez seja hora de as universidades assumirem o controle de seu próprio futuro.▲

*William Locke é professor e diretor do Centro de Estudos de Ensino Superior de Melbourne na Universidade de Melbourne, Austrália. E-mail: [william.locke@unimelb.edu.au](mailto:william.locke@unimelb.edu.au)*

*Este artigo é baseado em um capítulo de Changing Higher Education for a Changing World, editado por Claire Callender, William Locke, e Simon Marginson, Bloomsbury. O livro é um produto do Center for Global Higher Education, fundado pelo Conselho de Pesquisa Econômica e Social do Reino Unido, Office for Students and Research England.*

## Desenvolvimento de Abordagens de Todo o Sistema para a Excelência de Ensino

Paul Ashwin

**E**xistem duas abordagens para promover a excelência de ensino em todo o sistema: “exemplares” e de “mapeamento”. Abordagens exemplares focam na identificação de casos de professores individuais ou centros de excelência de ensino em nível nacional, por exemplo, na Finlândia, Alemanha, Noruega, África do Sul e Reino Unido. As abordagens de mapeamento buscam avaliar o ensino em todo o sistema, que pode ser nacional ou internacional. Os dois principais exemplos de abordagens de mapeamento são os testes-piloto malsucedidos da OCDE da AHELO (Avaliação dos Resultados de Aprendizagem do Ensino Superior) e do Quadro de Excelência de Ensino (TEF) na Inglaterra.

Este artigo avalia abordagens exemplares e de mapeamento existentes em relação a três questões: Como é definida a excelência de ensino? Como a excelência do ensino é medida? Como o esquema de excelência de ensino leva ao aprimoramento do ensino e da aprendizagem? Com base nisso, os princípios são identificados para o desenvolvimento de abordagens mais eficazes para a excelência de ensino em todo o sistema.

### Como é Definida a Excelência no Ensino?

Sob abordagens exemplares, a excelência no ensino é definida por aqueles que se candidatam para receber o status de “excelência”. A lógica de tais abordagens é que os candidatos desenvolvam um relato baseado em evidências das maneiras pelas quais eles são excelentes. Isso permite espaço para florescer uma variedade de definições diferentes de excelência em ensino.

Em contraste, as abordagens de mapeamento identificam os resultados esperados de um ensino excelente e os avaliam em todo o sistema. Por exemplo, no TEF, as universidades foram avaliadas em uma série de métricas com base nas visões dos alunos sobre o ensino, taxas de evasão escolar e resultados de emprego. Os avaliadores avaliaram inicialmente o desempenho das instituições nas métricas antes de considerar uma apresentação institucional delineando sua reivindicação de excelência, com o desempenho nas métricas sendo o contribuidor mais importante para os resultados do TEF das instituições.

Nenhuma das abordagens oferece uma definição explícita de excelência de ensino, o que destaca uma contradição central. Como os esquemas de todo o sistema podem alegar ter identificado incidências de excelência em ensino se eles não sabem o que é excelência em ensino? A resposta é que eles se baseiam em visões implícitas do que constitui excelência no ensino, que não estão sujeitas ao escrutínio público. As abordagens seriam mais eficazes se desenvolvessem definições explícitas de excelência de ensino, explicitamente alinhadas com os objetivos educacionais do ensino superior, e mostrassem como o ensino contribui para o sucesso da educação dos alunos. Isso sugere que o primeiro princípio para excelência de ensino em todo o sistema de esquemas seja...

### Resumo

Este artigo discute os desafios de desenvolver abordagens de todo o sistema para a excelência em ensino e oferece três princípios que podem apoiar o desenvolvimento de abordagens mais eficazes.

**No geral, uma série de medidas distintas de excelência de ensino são necessárias, com foco nos processos e resultados do ensino de alta qualidade.**

definido como: *Esquemas de todo o sistema de excelência de ensino precisam oferecer uma definição de excelência de ensino que reflita os objetivos educacionais do ensino superior.*

### Como a Excelência no Ensino é Avaliada?

Sob abordagens exemplares, os candidatos desenvolvem suas próprias contas de excelência de ensino e fornecem evidências para apoiar essas contas. Pode haver tipos específicos de evidência que são solicitados, como os resultados das avaliações dos alunos sobre o ensino, mas eles tendem a ser adaptados à conta do candidato que seleciona quais medidas focar e explica as maneiras em que são significativas.

As abordagens de mapeamento tendem a se concentrar em medidas comuns de resultados dos alunos, sejam as selecionadas no TEF ou o desempenho dos alunos em testes comuns, como na AHELO. O problema que esses esquemas enfrentam está encapsulado na lei de Goodhart, de que uma vez que uma medida se torna um indicador de desempenho, ela deixa de ser uma boa medida. Embora uma medida possa ter variado com qualidade no passado, à medida que as instituições buscam maximizar seu desempenho, sua relação com a qualidade é perdida. Isso pode ser resolvido concentrando-se em medidas de processos e também de resultados, porque isso cria uma situação em que a maneira mais simples de “consertar” o sistema é realmente se envolver em processos que irão melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Isso não significa que as medidas de resultados não devam ser incluídas, mas sim que elas precisam ser sustentadas por medidas que forneçam evidências sobre como esses resultados foram alcançados.

No geral, uma série de medidas distintas de excelência de ensino são necessárias, com foco nos processos e resultados de um ensino de alta qualidade. Dado o princípio 1, estes precisam oferecer evidências sobre até que ponto a definição de excelência de ensino foi alcançada. Assim, a definição do princípio 2 é: *As medidas de excelência de ensino em todo o sistema precisam estar alinhadas à definição de excelência e focar nos processos educacionais, bem como nos resultados.*

### Como a Excelência no Ensino Leva ao Aprimoramento?

Abordagens exemplares e de mapeamento são baseadas em diferentes visões de como elas levam ao aprimoramento do ensino. Abordagens exemplares são baseadas em um modelo de mudança de contágio, que pressupõe que se os melhores indivíduos, departamentos ou instituições puderem ser identificados e recompensados, eles compartilharão suas práticas excelentes e ajudarão a encorajar outros a se tornarem excelentes. Embora esses esquemas possam desempenhar um papel na sinalização da importância do ensino e fornecer benefícios significativos para indivíduos e departamentos, eles não melhoram o ensino e a aprendizagem diários em todo o sistema.

As abordagens de mapeamento baseiam-se em um modelo de competição de mudança, em que as melhores instituições são premiadas e as demais aprimoram suas práticas ou perdem alunos e deixam de oferecer programas de graduação. O problema com essa abordagem é que, para que ocorra o aprimoramento, ela depende de que as medidas de excelência de ensino sejam válidas, precisas e acuradas; e sobre os candidatos que usam essas medidas para informar sua escolha do programa de graduação. Nenhum destes parece ser o caso. Os problemas com medições de excelência de ensino foram examinados na seção anterior, e estudos mostram consistentemente que os alunos tendem a não usar as informações dessa forma para fazer suas escolhas.

Isso sugere que as abordagens exemplares e de mapeamento são baseadas em teorias falhas. Uma abordagem alternativa pode ser desenvolvida com base na lei de Goodhart. Se incluirmos em nossas medidas de excelência de ensino uma indicação de até que ponto as instituições estão engajadas em práticas que a pesquisa mostrou apoiar um ensino e aprendizagem de alta qualidade, então isso provavelmente levará as instituições a melhorarem suas práticas. Com base nesta revisão de como a excelência de ensino em todo o sistema pode levar ao aprimoramento, a definição do princípio 3 é: *Melhorar o desempenho nas medidas de excelência de ensino só deve ser possível devido a melhorias nas práticas de ensino.* ▲

*Paul Ashwin é professor de ensino superior e chefe do Departamento de Pesquisa Educacional da Lancaster University, Reino Unido.  
E-mail: paul.ashwin@lancaster.ac.uk.*

*Este artigo é baseado em um capítulo do Changing Higher Education for a Changing World, editado por Claire Callender, William Locke e Simon Marginson, Bloomsbury. O livro é um produto do Center for Global Higher Education, fundado pelo Conselho de Pesquisa Econômica e Social do Reino Unido, Office for Students and Research, Inglaterra.*

# Informação e Mercados no Ensino Superior

Janja Komljenovic

O ensino superior é cada vez mais comercializado em todo o mundo. No entanto, para que os mercados de ensino superior funcionem, não basta mudar uma lei ou introduzir taxas de ensino. No capítulo do meu livro recentemente publicado *Changing Higher Education for a Changing World*, examino o papel dos dispositivos de mercado. Embora esta seja uma categoria ampla e inclua muitas coisas, de preços a carrinhos de compras, de telas de computador a análises de dados, de fórmulas a classificações e muito mais, examinei várias ferramentas de informação de mercado no ensino superior. Por meio de quatro vinhetas esclarecedoras, rastreio como essas ferramentas funcionam na criação de mercado.

## As Quatro Vinhetas

As ferramentas de informação de mercado que foram examinadas incluem a Unistats (agora Discover Uni), uma página britânica que fornece informações sobre programas de estudo para futuros alunos. A Unistats tinha visualização voltada para o usuário e destacava características particulares de programas e universidades, enquanto tornava outras informações difíceis de encontrar ou não disponíveis. A segunda vinheta examinada ilumina as mensagens de marketing do Coursera para seus clientes corporativos. Os números e as mensagens que o Coursera comunica aos seus clientes enquadram um tipo particular de realidade em que a qualidade é determinada pelas marcas universitárias e sua reputação, e o valor dos cursos MOOC pelo cálculo monetário das competências adquiridas. A terceira vinheta aborda os corretores de agentes de recrutamento de estudantes internacionais. Os eventos organizados por essas corretoras atuam como informações de mercado, sinalizando confiabilidade na qual as universidades podem confiar. Por fim, os dados e análises do LinkedIn sobre mão de obra e habilidades são examinados. Os algoritmos de LinkedIn, baseados em efeitos de rede, apresentam o valor de habilidades específicas, combinam candidatos com empregos e permitem várias oportunidades de aprendizagem e trabalho. Embora vários dispositivos exibidos nas quatro vinhetas sejam distintos na forma como funcionam, eles também têm mais em comum do que se possa pensar à primeira vista.

## Dispositivos de Mercado Fazem os Atores Calcular

As ferramentas de informação de mercado equipam os atores do mercado com informações prontas expressas de uma forma particular. Os próprios dispositivos estão calculando e comparando, e fornecem soluções prontas para os indivíduos. Por exemplo, pense nos dados e sugestões do LinkedIn sobre pessoas, suas habilidades, cursos de treinamento, sugestões de emprego, tudo baseado em algoritmos. A própria natureza e lógica desses dispositivos tornam-se essenciais para a natureza dos mercados de ensino superior, porque intervêm nas racionalidades dos indivíduos, significando ações e a tomada de decisões. Não nascemos como *homo economicus*, mas nos tornamos tais com a ajuda dessas ferramentas. Ainda mais, nos tornamos um tipo particular de *homo economicus*, o tipo que calcula com informações e soluções oferecidas por dispositivos de mercado.

## Dispositivos de Mercado são Opacos

Embora as ferramentas de informação de mercado visem trazer transparência ao sistema, e o fazem até certo ponto, ao mesmo tempo são opacas. Contam com várias etapas de classificação antes de publicar certas informações. Por ex., classificações universitárias e tabelas baseiam-se em medidas multifacetadas compostas. No final, são promovidos como objetivos e confiáveis na representação do mundo, mas, na realidade, também interpretam, classificam e estruturam o mundo. Enquanto, por um lado, as ferramentas de informação de mercado estão servindo a função de informar os atores e possibilitar uma escolha calculativa, elas são, por outro lado, também dispositivos de pontuação e classificação de indivíduos e instituições.

## Resumo

A mercantilização do ensino superior precisa de um estado de apoio e legislação amigável. No entanto, é necessário mais para que os mercados funcionem. Os mercados precisam de atores de mercado, que calculem e se comportem de acordo com a lógica econômica. Dispositivos de mercado ajudam a transformar alunos, funcionários, empregadores e outros atores. Neste artigo, examino o caso das ferramentas de informação de mercado que nos fazem calcular em termos econômicos, organizar o que consideramos valioso e construir futuros sociais.

**Embora as ferramentas de informação de mercado visem trazer transparência ao sistema, e o fazem até certo ponto, ao mesmo tempo são opacas.**

*Janja Komljenovic é professor de educação superior na Lancaster University, Reino Unido. E-mail: j.komljenovic@lancaster.ac.uk*

*Este artigo é baseado em um capítulo do Changing Higher Education for a Changing World, editado por Claire Callender, William Locke e Simon Marginson, Bloomsbury. O livro é um produto do Center for Global Higher Education, fundado pelo Conselho de Pesquisa Econômica e Social do Reino Unido, Office for Students and Research, Inglaterra.*

### **Dispositivos de Mercado Interação e Estruturam Novos Critérios de Valor**

Cada uma à sua maneira, as ferramentas de informação de mercado determinam e estruturam novos critérios de valor. Por exemplo, com seus critérios, classificações e tabelas classificatórias da universidade determinam o que entendemos como qualidade universitária. Outro exemplo, o Coursera, oferece uma visão monetizada sobre o valor de cursos MOOC para seus clientes corporativos. Dessa forma, o valor econômico é colocado em primeiro plano perante outras possíveis formas de valor que agrega aos profissionais, como o próprio conhecimento ou crescimento pessoal.

Dispositivos de mercado encontrados no ensino superior em todo o mundo muitas vezes interagem até certo ponto, ou podem ser compartilhados entre os ambientes dos mercados. Por exemplo, as infraestruturas do Coursera e do LinkedIn interagem com o Coursera, permitindo que os participantes do curso coloquem certificados ganhos e pagos em seus perfis do LinkedIn com um clique. Outro exemplo é onde os agentes de recrutamento usam a página do Discover Uni para aconselhar os alunos sobre onde estudar. Como as ferramentas de informação de mercado geralmente têm alcance global, as lutas pelo poder entre os diferentes enquadramentos e lógicas desses dispositivos também se tornam globais. Coletivamente, parece que as ferramentas do mercado de ensino superior retratam o valor do ensino superior de maneiras individualizadas, flexíveis, desagregadas, mensuráveis e utilitárias.

### **Dispositivos de Mercado Constroem o Futuro Social**

As ferramentas de informação de mercado retratam um futuro particular. Ao auxiliar os indivíduos em seus cálculos e decisões, eles contribuem para a materialização desse futuro imaginado. Por exemplo, a Unistats oferece informações sobre salários de pós-graduação para programas de estudo específicos em universidades específicas. Embora isso tenha sido uma informação do passado para os futuros graduados, ainda pode ser entendido como iluminando o futuro real no presente. Cada ferramenta de informação de mercado retrata um futuro próprio. Mas o tipo de futuro proposto coletivamente parece ser cada vez mais competitivo, digital, quantificado e conectado em rede.

### **O que Vem a Seguir?**

As ferramentas de informação do mercado de ensino superior estão se expandindo em tamanho (trazem mais questões), escopo (os elementos que são cobertos são ampliados), abrangência (ferramentas diferentes extraídas dos mesmos conjuntos de dados, mas fazendo diferentes combinações, bem como adicionando alguns dados próprios), e temporalidade (histórico e futuro). Portanto, é vital que os formuladores de políticas, as partes interessadas e outros usuários entendam como essas ferramentas funcionam, pois estão contribuindo para a criação do setor de ensino superior em suas formas mercantilizadas. É importante saber qual classificador é usado em uma lista ou qual fórmula é usada para um cálculo. Essas não são escolhas apolíticas. Como dispositivos diferentes têm consequências diferentes, o escrutínio crítico de sua natureza e efeitos nos permite discutir como os mercados de ensino superior podem promover ou piorar a igualdade social e a justiça social de maneira mais geral. ▲

# Relações Sino-Globais: Uma Guerra Fria no Ensino Superior?

Lizhou Wang e Wen Wen

**H**á sinais de que estamos em um ponto de inflexão nas relações acadêmicas e científicas da China com grande parte do resto do mundo. Este artigo apresenta os principais aspectos dos desenvolvimentos atuais. Embora os intercâmbios internacionais e a colaboração entre estudantes, acadêmicos e pesquisadores tenham contribuído significativamente para a compreensão intercultural, produção de conhecimento global e pesquisa e publicações, no momento em que este artigo foi escrito, as relações estão em um estágio mais precário.

## Excluindo a “Influência” Chinesa nos Campus dos EUA

A administração do presidente Trump tem imposto restrições à educação e intercâmbios internacionais, promovendo a agenda de combate à imigração e espionagem estrangeira. Durante a pandemia, o Departamento de Imigração e Alfândega dos EUA apresentou uma nova política de imigração que sujeitava os estudantes internacionais à deportação se eles não comparecessem às aulas no campus, embora tenha sido rescindida após instituições de ensino superior e procuradores-gerais de 20 estados terem processado. O Departamento de Segurança Interna dos EUA está planejando um limite de quatro anos para estudantes internacionais nos EUA, para evitar que adversários estrangeiros explorem o ambiente educacional do país.

Mais ações foram direcionadas a acadêmicos e pesquisadores chineses com base no fato de que alguns podem ter adquirido tecnologia, dados e propriedade intelectual sensíveis dos EUA. Em maio, o presidente Donald Trump assinou uma proclamação para proibir a entrada de estudantes de graduação e pesquisadores chineses que tenham ligações com o Exército de Libertação do Povo, afetando cerca de 3.000 a 4.000 estudantes. Logo depois dos Estados Unidos revogarem os vistos de mais de 1.000 estudantes e pesquisadores chineses considerados um risco à segurança. Além disso, alunos que recebem financiamento do China Scholarship Council (CSC, uma agência governamental responsável por intercâmbios internacionais de estudantes e acadêmicos) foram cada vez mais examinados nos aeroportos dos EUA. Após o início do semestre de outono, a University of Northern Texas encerrou um programa de intercâmbio com 15 pesquisadores financiados pelo CSC e pediu-lhes que deixassem o país dentro de 30 dias. Além disso, funcionários federais encerraram o programa de intercâmbio Fulbright em Hong Kong e na China continental e diplomatas chineses foram proibidos de visitar campi universitários sem a permissão do governo dos EUA.

As universidades, vistas como importantes campos de batalha por muitos funcionários da administração Trump, estão sob inspeção porque seus laboratórios desenvolvem ferramentas cruciais para a futura tecnologia da Internet, medicina, guerra e economia. O Departamento de Educação dos Estados Unidos já está investigando mais de uma dúzia de universidades, incluindo a Stanford University e a Fordham University, sobre suas doações e contratos estrangeiros, especialmente da China. Essas instituições precisam apresentar documentação de todas as doações e contratos estrangeiros da última década; informações de contato de todos os pesquisadores e acadêmicos chineses visitantes naquele período; e informações sobre quaisquer links que os visitantes tiveram para o governo ou militar chinês — algo que o governo, não as universidades, examina no processo de visto.

## Em Todo o Mundo

O governo australiano iniciou uma vasta investigação na interferência estrangeira no setor da educação. Os vínculos das universidades com a China — que canalizam bilhões de dólares para o setor de ensino superior da Austrália, principalmente por meio de mensalidades de quase 150.000 alunos — passam por um escrutínio sem precedentes. No Canadá, o Serviço de Inteligência de Segurança Canadense avisou...

## Resumo

Em 2020, com a deterioração do discurso e das iniciativas de “desacoplamento” ou “nova Guerra Fria” entre os Estados Unidos e China, o ensino superior foi invariavelmente atacado devido à sua natureza internacional. O ensino superior tem como premissa a existência de movimentos e intercâmbios globais abertos e livres para permitir que instituições e indivíduos gerem produção científica. Como o ensino superior se mantém durante estes tempos de turbulência geopolítica é uma questão vital para o seu futuro.

**Bruxelas está agora criando um quadro comum que definirá mais claramente como as universidades europeias e as organizações de pesquisa devem fazer parceria com a China, considerando questões de segurança e direitos de propriedade intelectual.**

que o Programa Mil Talentos da China usou "táticas corrosivas, que são feitas para promover o desenvolvimento econômico e objetivos estratégicos de estados hostis", expressando preocupação com os professores canadenses que participam do programa.

O Instituto Confúcio, o local mais importante para a língua chinesa e o intercâmbio cultural e de exportação, está passando por encerramentos em todo o mundo. O Congresso dos EUA impediu que faculdades que hospedam os Institutos Confúcio recebam certas bolsas do Departamento de Defesa, uma estratégia bipartidária que levou muitos dos institutos ao fechamento. Universidades e escolas públicas na Bélgica, Alemanha e New South Wales na Austrália também estão encerrando seus laços com os Institutos Confúcio. A Suécia fechou todos os institutos e salas de aula Confúcio.

Na Europa, o diretor-geral de pesquisa e inovação da Comissão Europeia levantou preocupações sobre a relação desequilibrada entre a União Europeia e a China, incluindo dados abertos, colaboração em pesquisa e mobilidade acadêmica. Ao mesmo tempo em que enfatiza a importância da colaboração contínua, Bruxelas está agora criando um quadro comum que definirá mais claramente como as universidades europeias e as organizações de pesquisa devem fazer parceria com a China, considerando questões de segurança e direitos de propriedade intelectual.

### **Enquanto isso, na China**

Ao longo das quatro décadas desde sua abertura, o ensino superior da China prosperou por meio da colaboração e comunicação internacional. As principais universidades de pesquisa da China lideram as classificações globais. Cientistas chineses, principalmente nas áreas de STEM, estão produzindo pesquisas e publicações de alto impacto. Com quase 500.000 estudantes internacionais, a China se tornou o maior destino de estudos no exterior da Ásia.

Ao mesmo tempo, a recente turbulência geopolítica global e a sensibilidade política interna têm afetado as universidades chinesas. A barreira óbvia para pesquisadores e acadêmicos chineses que buscam produção e comunicação científica internacional é o acesso à informação. Embora todos participem do mundo virtual das reuniões Zoom, esta plataforma e outras plataformas populares de pesquisa, comunicação e mídia social, como Google Scholar e YouTube, não são facilmente acessíveis na China continental.

Desde 2016, buscando melhorar seu *soft power* geral e a qualidade acadêmica, a China vem construindo "um sistema de filosofia e ciências sociais com características chinesas". A Reforma da Avaliação da Pesquisa da China, anunciada na primavera de 2020, deve cessar a adulação do Índice de Citação Científica e incentivar os estudiosos a abordar as preocupações da China dentro de seu próprio contexto na língua chinesa. Enquanto isso, os acadêmicos são encorajados a "contar bem a história da China" para o mundo exterior, usando o discurso acadêmico com características chinesas em vez de "abordar questões chinesas usando lentes americanas". Esta iniciativa pode desafiar o sistema de conhecimento acadêmico dominado pelo inglês e impactar a colaboração internacional.

Muitos estudiosos ocidentais prevêm que o papel elevado da liderança do Partido nas universidades, especialmente na construção de equipes de talentos, pesquisa e currículo, provavelmente terá um impacto negativo no desenvolvimento disciplinar científico da China. Enquanto isso, alguns estudiosos chineses acreditam que esta é a característica mais saliente e dominante de uma universidade chinesa, tornando-a uma "ideia ou modelo chinês de universidade", se houver.

### **Ramificações**

Esta nova Guerra Fria tem um claro efeito de transbordamento no ensino superior, impactando indivíduos e instituições em todo o mundo. A China é há muito o país que mais envia do mundo. Só nos EUA havia mais de 360.000 estudantes internacionais chineses em 2018, com até 133.400 em programas de pós-graduação. Nove em cada dez permanecem no país após obterem seus doutorados, tornando-se uma fonte importante de cientistas, pesquisadores e professores de ponta, especificamente nas áreas de STEM. Em meio a uma relação sino-americana cada vez mais deteriorada, os dados da pesquisa mostram que os estudantes chineses têm menos vontade e confiança para estudar nos EUA. Muitos departamentos de STEM já observam um declínio no número de candidatos internacionais a seus programas de doutorado.

À medida que as tensões aumentam, muitos alunos preferem estudar e, posteriormente, trabalhar em países com atitudes e políticas mais amigáveis, como Canadá, Reino Unido e outros lugares da Europa. Uma análise recente da Georgetown University encontrou um aumento de 75% nas inscrições bem-sucedidas de residentes nos EUA para o principal programa de imigração qualificada do Canadá desde 2017.

Todo o crescimento se deveu a candidatos não-cidadãos, muitos deles com educação nos EUA. Do lado das instituições e dos acadêmicos, procedimentos complicados sobre a apresentação de documentos e relato de influências estrangeiras podem impedi-los de iniciar e convidar a colaboração internacional.

### Futuro Obscuro

Os EUA e a China são os maiores e mais influentes países em termos de produção de conhecimento. A colaboração entre esses dois países impulsiona a ciência global e o ensino superior. Embora a cooperação com a China seja considerada de soma zero, a colaboração científica internacional gera um resultado de soma positiva. Independentemente do ambiente político e econômico externo, as instituições de ensino superior devem se ater aos valores fundamentais do pensamento livre e crítico e da busca da verdade. ▲

*Lizhou Wang é assistente de pesquisa e estudante de doutorado no Centro Internacional de Ensino Superior, Boston College, EUA. E-mail: wangliz@bc.edu*  
*Wen Wen é professor associado de educação superior no Instituto de Educação e vice-diretor do Centro de Estudos Asiáticos, Tsinghua University, China. E-mail: wenwen@tsinghua.edu.cn*

## Tempos Desafiadores para Relações Sino-estrangeiras de Ciência e Tecnologia

Anthony Welch

A decisão dos EUA de revogar 1.000 vistos de estudantes de graduação e pesquisadores chineses é um exemplo recente do aumento das restrições impostas à ciência sino-americana e relações de pesquisa em tecnologia. Ações anteriores incluem a prisão de vários cientistas chineses que não reconheceram o recebimento de fundos de pesquisa chineses, incluindo de um dos principais esquemas de "talento estrangeiro" da China.

Mas tais ações, incluindo processar pesquisadores chineses que não reconheceram laços militares, foram criticadas por alguns pesquisadores norte-americanos. Eles levantaram casos de pesquisadores médicos chineses sendo colocados sob suspeita por padrão, simplesmente porque o principal hospital chinês onde trabalhavam tinha alguma afiliação com os militares. Alegações contestadas sobre espionagem industrial e preocupações de pesquisas com aplicações militares seguiram ações anteriores dos EUA para negar vistos a pesquisadores chineses em áreas STEM, particularmente aquelas relacionadas à política Made in China 2025 da China, que priorizou as principais áreas de alta tecnologia: TI, robótica, tecnologia aeroespacial, novos materiais e biotecnologia. (As questões relacionadas às ciências sociais e pesquisas humanas são bastante diferentes, incluindo a linguagem, diferentes estruturas epistemológicas e interpretativas, bem como a censura e o "Grande Firewall" da China). Em resposta aos cancelamentos de vistos, alguns estudantes chineses postaram uma planilha online alegando mostrar apenas links nominais para os militares chineses.

### Dispersão de Restrições

As ações dos EUA fazem parte da chamada guerra comercial EUA-China, agora cada vez mais reconhecida como uma guerra tecnológica, e talvez até uma guerra fria ideológica. As referências à pesquisa no documento "Abordagem Estratégica" da Casa Branca de 2020 listam apropriação indevida de tecnologia, roubo de propriedade intelectual, quebra de confidencialidade e falha em divulgar interesses estrangeiros. Mas as iniciativas para limitar a colaboração internacional em pesquisas estão se espalhando. A colaboração substancial e de longa data da União Europeia com pesquisadores chineses foi recentemente contestada pelo diretor-geral de pesquisa e inovação da Comissão Europeia, Jean-Eric Pacquet, que advertiu que Pequim carecia de transparência em relação a seus dados científicos e restringia a colaboração em várias de suas mais fortes...

### Resumo

As ações dos EUA para restringir a colaboração em pesquisa com a China em campos-chave de ciência e tecnologia de alta tecnologia são cada vez mais reconhecidas como parte de uma guerra tecnológica, se não ideológica. Austrália, Europa e Japão, entre outros, também instituem medidas para limitar a colaboração em áreas sensíveis de alta tecnologia, citando preocupações de segurança e perda de propriedade intelectual. Se não forem suficientemente matizadas, tais medidas representam riscos e podem enfraquecer redes de pesquisa importantes e bem estabelecidas com a China.

**As ações dos EUA fazem parte da chamada guerra comercial EUA-China, agora cada vez mais reconhecida como uma guerra tecnológica, e talvez até uma guerra fria ideológica.**

áreas. Segundo Pacquet, a União Europeia já não acredita que as ligações científicas com a China são recíprocas. Ele argumenta que, embora o acesso à Europa seja gratuito e aberto, o acesso à China é "complicado e, às vezes, formalmente limitado". Tais preocupações, incluindo sobre a transferência forçada de tecnologia, pressagiam uma estrutura futura para definir mais claramente as parcerias das universidades europeias e das organizações de pesquisa com a China, incluindo questões como segurança nacional e direitos de propriedade intelectual. Assim como nos EUA, a mudança de postura sobre a colaboração em pesquisa faz parte de uma transformação mais ampla da União Europeia: ver a China como um parceiro estratégico, a nomeá-la um rival sistêmico em março de 2019.

O Japão também está ponderando um controle mais rígido sobre pesquisadores e cientistas chineses, em um esforço para conter o vazamento de pesquisas de alta tecnologia em áreas como computação quântica, inteligência artificial e fabricação de semicondutores. As diretrizes propostas restringiriam a verificação de vistos e exigiriam que as universidades e estabelecimentos de pesquisa japoneses declarassem todas as receitas de pesquisa estrangeiras. Mas, enquanto em 2017, 6.313 pesquisadores internacionais eram chineses (de um total de 39.473), não está claro quantos deles se especializaram em áreas sensíveis de alta tecnologia. Além disso, alguns cientistas japoneses expressaram preocupações de que as medidas para proteger a pesquisa sensível e fortalecer a integridade da pesquisa não devem restringir a ciência aberta e a inovação, ou o esforço de pesquisa nacional do Japão.

Em meio a reclamações sobre o aumento da interferência estrangeira, a Austrália propôs um inquérito parlamentar sobre a influência estrangeira. Incluiu especificamente suas universidades e listou preocupações sobre a colaboração em pesquisa. Embora nenhum país tenha sido mencionado, a China era claramente o alvo. O fato de que dois eminentes pesquisadores chineses creditados pela expansão dos estudos australianos na China foram os alvos iniciais e tiveram seus vistos cancelados, não inspirava confiança de que uma estratégia sofisticada estava sendo aplicada. Com financiamento do Global Engagement Center do Departamento de Estado dos EUA, o Australian Strategic Policy Institute desenvolveu um Rastreador de Universidades de Defesa em 2019: um banco de dados de instituições chinesas envolvidas em pesquisas científicas e tecnológicas militares ou relacionadas à segurança. O site inclui entradas individuais em quase 100 universidades civis, 50 instituições do Exército de Libertação do Povo, três ministérios de instituições de segurança do estado e 12 conglomerados estatais da indústria de defesa.

### **Diferente dos Estados Unidos: União Europeia e Ásia**

Os Estados Unidos estão pressionando todos os seus aliados a seguirem sua liderança na contenção da China, inclusive na colaboração em pesquisas. O Japão pode muito bem seguir. Mas a China continua empenhada em cooperar internacionalmente e há poucas evidências de que a Europa ou grande parte da Ásia desejem limitar suas opções de forma tão estrita. Tomar partido, por exemplo, seria muito contrário ao desejo de longa data da ASEAN de se proteger, maximizando o espaço de manobra entre duas superpotências cada vez mais rivais e rancorosas. Não há sinais entre os estados membros da ASEAN de querer restringir a colaboração em pesquisa com a China, que é de fato um grande parceiro de conhecimento de muitos sistemas de pesquisa. Mesmo o Vietnã, por exemplo, com uma longa e complexa história de relações com a China, não mostra sinais de querer restringir as relações de pesquisa com seu vizinho gigante, muitas vezes problemático. Além disso, vários sistemas ASEAN são repositórios de um número significativo de membros altamente qualificados da diáspora do conhecimento chinês, trabalhando em universidades e estabelecimentos de pesquisa.

### **Riscos**

Os exemplos acima tendem a mostrar as preocupações com a segurança nacional dominando as decisões sobre a colaboração em pesquisa internacional. Mas existem riscos associados. O primeiro é que para se livrar de algo ruim, acabem perdendo também algo bom. O que é claramente necessário é maior sofisticação para distinguir projetos sensíveis de alta tecnologia de muitos outros que não representam risco à segurança nacional. Como Denis Simon, um especialista na ascensão científica da China e ex-executivo sênior da Universidade Duke Kunshan em Suzhou, disse recentemente: "Presumir uma conspiração abrangente está muito longe da realidade."

O segundo risco de uma abordagem muito contundente é que muitos pesquisadores chineses talentosos podem decidir não viajar para os Estados Unidos ou para outros sistemas com restrições semelhantes. Ou podem deixar os EUA: já há evidências preocupantes de que alguns pesquisadores de ascendência chinesa estão partindo. Outros estão reorientando sua colaboração de pesquisa para o Japão, o Reino Unido (que, no entanto, recentemente revelou seu Esquema...

Tecnológico de Aprovação de Proibições Seletivas) ou Europa. O efeito pode representar uma vitória para a China, mas uma perda líquida para a pesquisa dos EUA, como alertaram vários pesquisadores americanos.

O risco final é indiscutivelmente o mais preocupante: a ascensão do nacionalismo e do nativismo em vários sistemas ao redor do mundo. A elevação associada da segurança nacional acima das preocupações diplomáticas e acadêmicas pode minar a teia bem estabelecida de redes de pesquisa bilaterais e internacionais, que cada vez mais sustentam grande parte da produção de pesquisa global. Quando uma em cada três de todas as publicações em todo o mundo agora resulta da colaboração de pesquisadores de pelo menos dois países, e quando a China e os Estados Unidos são os maiores colaboradores um do outro em artigos publicados em coautoria, quão sensato é excluir tantas contribuições da China, agora uma das superpotências científicas do mundo? ▲

*Anthony Welch é professor de educação, School of Education & Social Work, University of Sydney, Austrália. E-mail: [anthony.welch@sydney.edu.au](mailto:anthony.welch@sydney.edu.au)*

## Estudantes Chineses Interrompem Planos de Estudos nos EUA

Xiaofeng Wan

Os EUA viram um aumento dramático no número de estudantes chineses em seus campi nos últimos dez anos. Aproximadamente 370.000 estudantes chineses estudaram nos Estados Unidos no ano acadêmico de 2018–2019, respondendo por 1/3 de todos os alunos internacionais no país, de acordo com o Instituto de Educação Internacional (IIE). Eles contribuíram com quase 15 bilhões de dólares para a economia dos EUA em 2018, de acordo com o Departamento de Comércio, e criaram milhares de empregos. Mas isso pode em breve tomar um rumo inesperado.

Em um estudo de junho do ChinaCAC, o Instituto Chinês de Aconselhamento para Admissão em Faculdades, 36% dos estudantes chineses do ensino médio responderam que renunciaram completamente aos planos de estudar nos Estados Unidos. Entre suas muitas preocupações, 85% identificaram sua principal preocupação com os riscos potenciais para a saúde de estar nos Estados Unidos. Quase metade deles também citou políticas de vistos incertas e racismo anti-asiático como suas principais preocupações.

Em 29 de maio, o presidente Trump assinou uma proclamação barrando estudantes chineses de pós-graduação e pesquisadores que têm laços com o Exército de Libertação de entrar nos Estados Unidos, citando temores de propriedade intelectual e roubo de tecnologia. Desde 8 de setembro de 2020, o Departamento de Estado revogou mais de 1.000 vistos de cidadãos chineses que foram considerados inelegíveis para um visto, com base na proclamação. Essas mudanças agravaram os temores entre os estudantes chineses de que enfrentariam um escrutínio mais severo para o visto caso decidissem se formar em uma área STEM, potencialmente interrompendo anos de preparação para estudar nos EUA. À medida que as relações sino-americanas continuam em uma espiral profunda e decrescente, as preocupações com políticas mais hostis contra os estudantes chineses e seu uso como peões políticos perturbam ainda mais as famílias chinesas.

Depois há a violenta pandemia nos EUA e o surgimento de ataques racistas anti-asiáticos, verbais e físicos, promovidos pelo próprio presidente do país que repetidamente chama a COVID-19 de "Vírus da China". Esses são fatores profundamente perturbadores para os pais chineses, muitos dos quais nasceram sob a política do filho único, quando avaliam os prós e os contras de enviar seus filhos para o outro lado do mundo para estudar.

### Resumo

Os Estados Unidos viram um aumento dramático no número de estudantes chineses em seus campi nos últimos dez anos. No entanto, a devastadora pandemia nos EUA, as políticas hostis de vistos para os estudantes chineses e a constante retórica xenófoba da administração Trump podem em breve reverter essa tendência de forma significativa. O interesse por uma educação americana entre as famílias chinesas ainda existe, mas os impactos podem ser duradouros.

**Em um estudo de junho do ChinaCAC, o Instituto de Aconselhamento para Admissão em Faculdades da China, 36% dos estudantes chineses do ensino médio responderam que renunciaram completamente aos seus planos de estudar nos Estados Unidos.**

**Fim da Linha? Ainda não.**

“O inverno está próximo”, diz Frances Zhang, reitora de aconselhamento universitário na WLSA Shanghai Academy, comentando sobre as possíveis implicações da tendência atual de recrutamento de estudantes chineses nas faculdades dos EUA. “Haverá um impacto tardio no número de estudantes chineses que se inscrevem nas faculdades americanas. O declínio real se manifestará em dois a três anos, quando os atuais alunos do 9º e 10º ano entrarem no processo de faculdade”, acrescentou.

Dados recentes mostram um aumento de 20% no número de alunos para o zhongkao (vestibular) em Pequim em comparação com 2019, e um aumento de 15% em Xangai. No entanto, muitos programas internacionais em escolas públicas e privadas em todo o país não conseguiram cumprir suas metas de matrícula muito além da temporada de recrutamento tradicional.

No recente seminário de Amherst, Williams e Yale com diretores de escolas secundárias chinesas, o diretor de uma prestigiosa escola secundária pública em Xi'an, uma metrópole na província de Shaanxi, no oeste da China, lamentou que seu programa internacional só conseguiu atingir 40% de sua meta de inscrição. Para reter os que já estavam matriculados, a escola teve que adicionar cursos de gaokao ao currículo, para que os alunos fossem qualificados para admissão nas universidades chinesas, uma mudança sem precedentes na escola. Os pais ameaçaram retirar seus filhos, caso contrário.

Um [artigo recente](#) publicado na China mostra que o Reino Unido ultrapassou os EUA pela primeira vez como o principal destino no exterior para estudantes chineses. No entanto, mesmo para escolas que oferecem um currículo exclusivo Nível-A e enviam a maioria de seus graduados para o Reino Unido, declínios generalizados nas matrículas também são comuns. O campus de uma escola independente de inglês seletiva na província de Jiangsu, no sul da China, teve queda de 50% nas matrículas no ensino médio este ano.

**Os Estados Unidos Ainda Acolhem Estudantes Internacionais?**

Uma das principais preocupações das famílias chinesas é que os EUA como um todo não são mais um lugar acolhedor para elas. Diferenças políticas e culturais podem estar em jogo aqui, já que muitas famílias chinesas associam a retórica xenófoba do governo Trump à opinião pública, incluindo instituições de ensino superior.

O [processo recente](#) contra a nova regra do US Immigration and Customs Enforcement que impede os estudantes internacionais de fazerem apenas aulas online nos EUA, defendida por Harvard e MIT, mostrou às famílias chinesas que o governo dos EUA não tinha controle total sobre a atitude das instituições de ensino superior para estudantes internacionais. O processo em si e a vitória subsequente contrastavam fortemente com o que seu sistema permite.

Além disso, a desinformação generalizada nas redes sociais chinesas, incluindo We-Chat e Weibo, sobre admissões em faculdades e o futuro das relações sino-americanas, gerou ansiedade entre as famílias chinesas sobre a sensatez de selecionar os Estados Unidos como destino de estudos. “Esperamos que haja uma comunicação mais direta entre as faculdades dos EUA e as famílias chinesas. Portanto, nossas famílias sabem que as faculdades americanas ainda os acolhem e que não são facilmente agitadas por informações enganosas na web chinesa”, disse o diretor de uma das escolas públicas de ensino médio de maior prestígio em Pequim, em um recente seminário para diretores.

**Uma Perspectiva Futura**

Uma coisa é certa, as famílias chinesas ainda veem valor em enviar seus filhos para estudar nos EUA devido aos muitos ideais e oportunidades que o ensino superior americano incorpora e oferece. Embora o impacto da atual crise política e de saúde pareça terrível e, sem dúvida, será duradouro, o desejo das famílias chinesas de proporcionar a seus filhos a melhor educação possível não vai mudar.

Dito isso, recrutar estudantes chineses nos próximos anos pode apresentar mais desafios do que nunca. O quão bem os EUA controlam a pandemia é a chave para reconstruir sua confiança para entrar no país. Na ausência de liderança nacional para controlar a propagação do vírus e abraçar talentos do exterior, o ensino superior pode precisar assumir mais tarefas. As famílias não se importarão com a quantidade de recursos que oferecemos, até que saibam o quanto nos preocupamos com o bem-estar de seus filhos, especialmente durante uma pandemia global. Como primeiro ponto de contato, os oficiais de admissão...

têm um papel crítico em expressar nossa postura de boas-vindas e nosso compromisso de apoiar os estudantes internacionais diretamente, para evitar informações filtradas e esclarecer quaisquer dúvidas e equívocos sobre estudar nos Estados Unidos — para que os estudantes chineses não queiram apenas vir para os EUA novamente, o que eu acredito que farão, mas prosperar em nossos campi e com dignidade e apoio.▲

*Xiaofeng Wan é reitor associado de admissão e coordenador de recrutamento internacional no Amherst College, Amherst, EUA.  
E-mail: [xwan@amherst.edu](mailto:xwan@amherst.edu)*

## Ensino Superior de Hong Kong: Um Ponto de Inflexão?

**Philip G. Altbach e Gerard A. Postiglione**

○ ano passado foi de crises sem precedentes para Hong Kong. Protestos prolongados e às vezes violentos, com participação estudantil ativa, em relação à extradição, o futuro da democracia, a pandemia de COVID-19 e a nova lei de segurança nacional do governo central, que criaram preocupação e incerteza sobre o futuro do ensino superior. Após meses de interrupção em vários campi universitários, muitos na comunidade acadêmica, tanto em Hong Kong quanto em todo o mundo, têm dúvidas. A população está sofrendo mais uma onda de COVID-19 e está apreensiva com a implementação da nova lei de segurança, que para alguns é um sinal sinistro do que está por vir. É claro que é muito cedo para avaliar com precisão o que isso significará na prática, mas pode valer a pena colocar o ensino superior no contexto — e considerar os riscos potenciais.

### Pontos Fortes do Ensino Superior Tradicional de Hong Kong

Em 2012, escrevemos um artigo intitulado “Vantagem acadêmica de Hong Kong” (*International Higher Education*, #66, Inverno 2012). O artigo foi traduzido para o chinês e também publicado em um importante jornal de educação da China Continental. Refletimos sobre os motivos pelos quais Hong Kong, apesar de seu pequeno tamanho, tem uma proporção muito alta de universidades incluídas nas classificações globais (três nas 100 melhores; cinco nas 200 melhores) e, em geral, um sistema pós-secundário de alta qualidade.

Indicamos vários fatores-chave. Entre eles estão a liberdade acadêmica para professores e alunos e a capacidade de falar sobre assuntos públicos. Cientistas, acadêmicos e estudantes têm acesso irrestrito às informações e podem relatar os resultados da pesquisa científica sem restrições. Há uma combinação de forte apoio governamental e orientação geral para a política de ensino superior e, ao mesmo tempo, um alto grau de autonomia institucional e autogoverno. O inglês é a língua predominante de ensino e pesquisa na maioria das universidades. Hong Kong seleciona seus presidentes de universidade com base em sua proeminência como cientistas e acadêmicos de renome internacional, e suas universidades foram internacionalizadas de maneira única com o recrutamento de professores de alto nível de todo o mundo. Os alunos vêm de todos os continentes e há fortes vínculos com universidades em todo o mundo. Os acadêmicos de Hong Kong não são apenas internacionais, mas também altamente produtivos, publicam pesquisas de destaque e obtêm importantes bolsas de pesquisa de fontes locais, nacionais e internacionais. Eles contribuem para a ciência global, bem como para a vibrante economia e sociedade civil do território. O sucesso acadêmico de Hong Kong é bastante notável: uma população de 7 milhões se compara favoravelmente com a população de 1,4 bilhão da China Continental, considerando universidades globalmente classificadas.

Em nosso artigo de 2012, apontamos algumas das razões pelas quais pensamos que os arranjos acadêmicos de Hong Kong lhe conferem uma vantagem única sobre os da China Continental. Desde então, o progresso feito pelas universidades no continente chinês tem...

### Resumo

As universidades de Hong Kong enfrentaram desafios sem precedentes no ano passado. A agitação social contínua em relação ao futuro de Hong Kong culminou na imposição, pela China Continental, de uma lei de segurança que restringe grande parte da autonomia do território, abalando profundamente as universidades e a sociedade. Embora seja muito cedo para analisar totalmente as implicações, as universidades de Hong Kong podem perder parte de sua atratividade internacional e autonomia interna. A liberdade acadêmica também é questionada.

sido impressionante, especialmente as instituições de primeira linha. Mas as realidades da burocracia arraigada com uma sobreposição de controle político, salários médios baixos, liberdade acadêmica limitada e acesso restrito à informação em algumas áreas e um certo isolamento têm um progresso um tanto limitado. Nos últimos anos, tem havido, sem dúvida, aumento das restrições e mais politização.

### Um Ponto de Inflexão para Hong Kong

A imposição da nova lei de segurança pelas autoridades criou um novo senso de realidade — para a sociedade e para o ensino superior. Como isso afeta a atratividade de Hong Kong para os estudantes internacionais ainda não está claro. De uma perspectiva de política e segurança, muitos estudantes do continente chinês que planejaram estudar nos EUA agora veem a Europa, Hong Kong e Cingapura como preferíveis. Por outro lado, se Hong Kong se tornar “apenas mais uma grande cidade chinesa”, ela perderá seu caráter distintivo no ensino superior. Até que a estabilidade se tornasse um problema, o plano do governo central era que as universidades de Hong Kong fossem fundamentais na nova Iniciativa da Grande Baía (Hong Kong, Macau e sete cidades na província de Guangdong), que visa construir um Vale do Silício ao estilo chinês. A situação pode levar a um investimento substancial por parte do governo central na criação de mais universidades de primeira linha nas adjacências de Guangdong, incluindo as zonas econômicas especiais de Shenzhen e Zhuhai.

### Possíveis Implicações da Nova Lei para o Ensino Superior

É muito cedo para avaliar totalmente as implicações da nova lei para as universidades de Hong Kong, mas existem alguns sinais ambíguos. Cinco dos oito presidentes de universidades públicas emitiram uma declaração apoiando a legislação de segurança nacional, ao mesmo tempo em que declararam que suas universidades continuarão firmes na defesa dos princípios de liberdade acadêmica e autonomia institucional. Haverá novas complicações no cumprimento desses compromissos na prática?

O senado acadêmico de uma importante universidade decidiu manter um acadêmico que foi preso por seu papel em um protesto que se tornou desordenado. O governo removeu vários livros de bibliotecas públicas para investigação para ver se violavam a nova lei de segurança, mas se retirados, permaneceriam disponíveis na World Wide Web — a menos que houvesse uma ação sem precedentes do governo para bloquear sites na internet. Após a promulgação da nova lei de segurança, meio milhão de residentes de Hong Kong registraram-se para votar nas eleições primárias do partido político de oposição, que as autoridades afirmam violar a nova lei. Os estudos liberais são uma disciplina obrigatória no ensino médio com o objetivo de promover o pensamento crítico e está alinhada com o que as universidades fazem em seus currículos básicos comuns: o governo vai anunciar este ano como lidar com este assunto polêmico, que os críticos culpam por contribuir para a longa agitação social de Hong Kong.

A nova lei não inclui restrições de viagens em nenhuma direção para estudantes ou acadêmicos. No entanto, depois que foi promulgada, um proeminente acadêmico internacional emitiu um aviso para “ter muito cuidado ao colaborar com colegas chineses ou acadêmicos de Hong Kong”, e uma importante associação acadêmica internacional enviou uma declaração aos seus membros observando que a nova “legislação funciona vagamente e as categorias abrangentes de ofensa tornam impossível saber quais palavras e ações resultarão em graves consequências legais.”

Essas contradições ainda não confirmam uma mudança significativa na vida acadêmica, mas podem dar uma pausa para cientistas e acadêmicos da comunidade acadêmica global que estão considerando uma carreira acadêmica ou uma colaboração acadêmica com universidades de Hong Kong.

### Conclusão

A atração essencial de Hong Kong para o ensino superior, e também para sua sociedade e economia mais amplas, tem sido tradicionalmente sua abertura, internacionalização e cosmopolitismo. “Um país, dois sistemas” tem servido bem ao ensino superior de Hong Kong. Se perder o que tornou isso possível, então sua distinção no ensino superior pode ser perdida e suas vantagens e prestígio internacional podem desaparecer. ▀

*Philip G. Altbach é professor pesquisador e ilustre membro do Centro de Educação Superior Internacional do Boston College, EUA. E-mail: altbach@bc.edu*  
*Gerard A. Postiglione é professor emérito, honorário e coordenador do Consortium on Higher Education Research in Asia, Faculty of Education, The University of Hong Kong. E-mail: gerry@hku.hk*

# Parcerias Sino-germânicas no Ensino Superior

Marijke Wahlers

O desenvolvimento da colaboração transfronteiriça e do intercâmbio acadêmico entre universidades alemãs e chinesas nos últimos 30 anos pode realmente ser considerado um sucesso. Devido às condições políticas gerais da época, a Conferência de Reitores Alemães (HRK) registrou menos de 100 acordos de parceria entre universidades alemãs e chinesas durante a década de 1980. Apenas duas décadas depois, já em 2000, o número triplicou. Hoje, depois de mais duas décadas, existem cerca de 1.400 acordos de parceria envolvendo mais de 200 universidades alemãs e quase 400 chinesas. Como resultado, podemos falar com segurança de uma ponte estável entre a academia alemã e a chinesa. Embora no início as parcerias fossem frequentemente baseadas em acordos bilaterais entre acadêmicos individuais, agora cobrem toda a gama de atividades colaborativas, desde a mobilidade individual de estudantes e pesquisadores, programas de estudo conjuntos e projetos de doutorado até iniciativas conjuntas de pesquisa e inovação e ofertas de educação transnacional. Como os parceiros chineses reconheceram o grande potencial das universidades alemãs de ciências aplicadas desde o início, o envolvimento do lado alemão se estende de maneira bastante uniforme em todos os tipos institucionais.

## Equilíbrio de Interesses

Um olhar mais atento, no entanto, revela algumas rachaduras — algumas menores, outras maiores — na ponte construída em conjunto. Em termos de disciplinas, por ex., as atividades de parceria sempre se concentraram um tanto unilateralmente em certos campos, ou seja, as ciências naturais e técnicas, economia e direito. Até hoje, as outras ciências sociais e humanas estão sub-representadas nessas alianças. Um claro desequilíbrio também é evidente no que diz respeito à mobilidade de estudantes e pesquisadores. A força de pesquisa pronunciada das universidades chinesas e instituições de pesquisa em vários campos (ainda) não levou a um aumento perceptível de estudantes e acadêmicos alemães com destino à China.

Além disso, há alguns indícios de que, pelo menos nos estágios iniciais, os arranjos institucionais que regiam as colaborações não consideraram adequadamente as preocupações das universidades alemãs ou os benefícios que elas colheram. Estratégias perspicazes, tanto em nível institucional quanto sistêmico, eram necessárias para neutralizar esse desequilíbrio. Já em 2005, a HRK já havia enfatizado em recomendações para programas de estudo conjunto sino-germânicos que as parcerias deveriam criar valor agregado para todas as partes e que programas de estudo conjuntos deveriam ser elaborados com vistas a atender às necessidades dos estudantes em ambos os países. Dada a crescente diferenciação dentro do setor e os esforços aprimorados das universidades alemãs para criar perfis institucionais distintos, esses aspectos passaram a ter um foco maior. A abordagem de internacionalização empregada pelas universidades alemãs mudou drasticamente, deixando de aproveitar oportunidades (em vez de buscá-las sistematicamente) em direção a uma abordagem verdadeiramente estratégica de internacionalização que ligasse as atividades de membros universitários individuais de forma holística. Apesar dessas tendências, um estudo de 2018 encomendado pelo Ministério Federal de Educação e Pesquisa e do Ministério das Relações Exteriores concluiu que, embora as universidades alemãs tenham começado a dar mais ênfase à exploração e ao pensamento sobre a China como um ator global importante, alunos, professores e pesquisadores ainda precisam expandir significativamente o conhecimento e a especialização sobre a China.

## Resumo

Com base em uma cooperação sólida e de longo prazo, agora é hora de uma colaboração universitária sino-germânica preparada para o futuro. É fundamental ter uma visão diferenciada dos parâmetros, objetivos e conteúdo específicos de parcerias individuais. O diálogo aberto sobre oportunidades e desafios — tanto dentro da própria universidade quanto com instituições parceiras — ajudará a esclarecer questões e identificar caminhos de desenvolvimento. As questões orientadoras da Conferência dos Reitores Alemães sobre as parcerias universitárias com a China têm como objetivo apoiar e melhorar este diálogo.

**Como resultado, podemos falar com segurança de uma ponte estável entre a academia alemã e a chinesa.**

### **Fundando Parcerias em Sistemas de Valores Sólidos**

Desenvolvimentos geopolíticos globais e mudanças políticas na Alemanha e na China também deixaram sua marca na colaboração institucional entre os dois países. Como resultado, estamos testemunhando atualmente uma confluência de diferentes correntes: embora o processo de parceria tenha sido uma experiência extremamente positiva, e enquanto os projetos conjuntos continuam a operar com sucesso em algumas áreas, a cooperação em outras áreas foi significativamente afetada.

Nos últimos anos, muitas universidades parceiras alemãs enfrentaram um aumento nos requisitos legais e obstáculos organizacionais do lado chinês. Além disso, a crescente influência do Estado nos currículos e processos das universidades chinesas e a restrição cada vez maior da liberdade acadêmica estão desgastando as parcerias, chegando mesmo a levá-las à paralisação completa em alguns casos.

Ancorar as atividades transfronteiriças das universidades em sistemas de valores sólidos e firmes está se tornando crucial, razão pela qual a HRK ressalta que a liberdade de pesquisa e ensino é indispensável para o funcionamento bem-sucedido das universidades. Na opinião da HRK, esta liberdade é um princípio fundamental e inegociável que também se aplica às atividades e parcerias internacionais das universidades alemãs. À luz das profundas mudanças no cenário global, a HRK publicou em abril deste ano as diretrizes e normas que regem as parcerias universitárias internacionais.

Além disso, a HRK emitiu recentemente questões orientadoras sobre a cooperação universitária com a República Popular da China. Eles complementam as diretrizes e padrões gerais detalhando os cursos de ação necessários e opcionais que se relacionam especificamente com a cooperação com parceiros acadêmicos chineses. A orientação é uma motivação para validar e, quando necessário, recalibrar as parcerias existentes com universidades e instituições acadêmicas chinesas. Ao mesmo tempo, busca incentivar as universidades alemãs a continuar expandindo seus esforços acadêmicos na China e a moldar proativamente a colaboração com os parceiros chineses.

### **Abordagem-Chave Diferenciada para Parcerias Resilientes**

As perguntas norteadoras foram elaboradas para fornecer motivação, apoio e orientação tanto às universidades quanto às instituições e aos membros individuais da universidade ao estabelecer e desenvolver parcerias resilientes com universidades e instituições acadêmicas chinesas. As questões são divididas em três categorias principais: estratégia e governança; ensino, aprendizagem e pesquisa conjunta; e as universidades como espaços transnacionais. Eles atendem aos pré-requisitos, requisitos e objetivos de uma parceria em pé de igualdade. A HRK acredita que a seleção cuidadosa de assuntos e parceiros é um fator-chave para uma cooperação frutífera. O valor agregado e a sustentabilidade das parcerias internacionais estão igualmente enraizados nas estruturas e processos da universidade. Além disso, estão intimamente ligados à forma como a universidade se define, sua missão, perfil, princípios institucionais e valores.

A HRK considera que intensificar o diálogo e a cooperação com os parceiros chineses em todos os campos seja essencial. Esta é uma justificativa baseada na ciência, em primeiro lugar; no entanto, também é do interesse da sociedade convencer estudantes e pesquisadores a se envolverem mais amplamente com a China e, ao fazê-lo, ajudarem a desenvolver experiência na China. Ter uma visão diferenciada dos parâmetros, objetivos e conteúdo específicos de parcerias individuais é fundamental, pois facilitará o esclarecimento de questões com os parceiros chineses conforme necessário e, ao mesmo tempo, identificará caminhos de desenvolvimento compensadores. Ao negociar oportunidades e riscos, é imperativo identificar proativamente as áreas de oportunidade, sem comprometer os valores e padrões institucionais no processo. A HRK fará todos os esforços para apoiar seus membros no processo de desenvolvimento futuro para garantir que continuemos a construir pontes acadêmicas com bases sólidas, agora e nos próximos anos. ▲

*Marijke Wahlers é chefe do Departamento de Assuntos Internacionais da Conferência Alemã de Reitores, Alemanha.*  
*E-mail: [wahlers@hrk.de](mailto:wahlers@hrk.de)*  
*URL: [www.hrk.de/guidance\\_China\\_cooperation](http://www.hrk.de/guidance_China_cooperation).*

# Educação Doutoral: Perspectivas Globais

Victor Rudakov e Maria Yudkevich

O ensino de doutorado em todo o mundo é caracterizado por tendências paralelas em direção à diversidade e, ao mesmo tempo, à unificação. Essas tendências são influenciadas pela massificação e internacionalização, exigências crescentes de pesquisa, desafios do mercado de trabalho e mudanças nos objetivos da educação doutoral. Por um lado, há uma tendência para o aumento da flexibilidade, conforme ilustrado pelo desenvolvimento de doutorados profissionais e de trabalho, de programas de doutorado a tempo parcial e à distância, além de variações em termos de tipos de programas, supervisão e processos de estudo. Por outro lado, a formação de sistemas globais de doutorado com fluxos mundiais de alunos, professores e graduados e o desenvolvimento de universidades de classe mundial contribuem para unificar o processo de matrícula e de ensino e levam a requisitos semelhantes para aqueles que pretendem seguir carreira em universidades de classe mundial. No entanto, esse processo de unificação afeta apenas as melhores universidades, frequentemente deixando os sistemas nacionais de ensino de doutorado intactos, o que também cria diferenciações institucionais dentro dos países.

## As Origens das Diferenças Globais

Os padrões de ensino de doutorado em um determinado país dependem consideravelmente do modelo escolhido durante seu surgimento e das implicações das reformas subsequentes. Durante a formação de seu sistema, os países adotaram modelos ou elementos de ensino de doutorado de outros países com sistemas acadêmicos maduros. Por exemplo, alguns países adotaram o modelo alemão, com seu forte foco no trabalho de pesquisa durante o doutorado. Alguns optaram por um sistema de ensino de doutorado em duas etapas, como na União Soviética e em alguns países pós-comunistas (exigindo duas dissertações). Posteriormente, outros adotaram o modelo americano, que é mais estruturado e inclui cursos consideráveis.

Durante os séculos XIX e XX, houve vários líderes nacionais diferentes nas ciências e, como resultado, o ensino de doutorado em muitos países é uma mistura das melhores práticas desses países líderes, adotadas para se adequar às realidades internas e às instituições nacionais. Em nossa publicação *Trends and Issues in Doctoral Education: A Global Perspective* (2020), analisamos as principais tendências na educação de doutorado em todo o mundo.

## Escala de Resultados do Mercado de Trabalho

Durante as últimas duas décadas, houve um crescimento maciço no número de titulares de doutorado, causado pelo aumento das ambições de pesquisa das universidades e pela necessidade de mais professores à medida que os sistemas de ensino superior se expandem. É frequentemente mencionado que há uma oferta excessiva de graduados de doutorado em todo o mundo. No entanto, deve-se diferenciar entre a situação em muitos países de baixa renda com sistemas de ensino superior em expansão, onde há uma extrema necessidade de doutores, e a maioria dos países de renda mais alta, onde doutorados têm de fato uma oferta excessiva e enfrentam problemas de emprego na academia. Devido ao encolhimento do mercado de trabalho acadêmico nesses países, as perspectivas de emprego dos doutorandos, especialmente em humanidades e ciências sociais, estão se agravando, o que explica a disseminação dos formatos de pós-doutorado e enfatiza a importância da indústria como destino de emprego para doutorandos.

## Internacionalização

Em termos de internacionalização, países de língua inglesa e países que oferecem a opção de escrever e defender sua tese em inglês têm uma vantagem competitiva importante para atrair estudantes de doutorado internacionais. Uma longa história de ensino de doutorado, como na Alemanha, ou um passado como potência colonizadora, como no caso da França — que proporciona fluxos maciços de estudantes de ex-colônias

### Resumo

O ensino de doutorado em todo o mundo é caracterizado por tendências paralelas em direção à diversidade e, ao mesmo tempo, à unificação. Não existe um modelo padrão de ensino de doutorado. O panorama da educação doutoral em todo o mundo é bastante diversificado e há um aumento considerável em suas variações e flexibilidade. No entanto, o ensino de doutorado se tornou um mercado global com fluxos de estudantes, professores e graduados internacionais que criam uma demanda para a unificação de padrões e benchmarking.

**O ensino de doutorado em todo o mundo é caracterizado por tendências paralelas em direção à diversidade e, ao mesmo tempo, em direção à unificação.**

com educação superior em sistemas de expansão — são outros indicadores de alto número de estudantes internacionais de doutorado. Países como Brasil, China e Rússia são potências regionais em termos de ensino superior e atraem principalmente estudantes de países vizinhos.

### Processos e Tipos de Doutorado

Existem diferenças consideráveis entre os processos dos programas de doutorado, nomeadamente na duração do programa, níveis e exames intermédios, afetando as taxas de conclusão e evasão, bem como entre os tipos de doutorado, dissertações e orientações. Há um aumento estável de formatos a tempo parcial e à distância de programas de doutorado em todo o mundo, o que, no entanto, levanta questões de qualidade e resultados de aprendizagem. Existe alguma heterogeneidade em termos de duração do programa, embora em geral os programas durem entre três e cinco anos, dependendo do país e da disciplina. Apesar do fato de que em vários países (ex.: Alemanha, Polônia e Rússia) ainda haja alguns elementos de doutorado em duas etapas, com a implementação da reforma de Bolonha, esses sistemas estão gradualmente desaparecendo. Há uma diferenciação entre as abordagens baseadas em pesquisa (principalmente na Europa) e baseadas em cursos (principalmente nos EUA) para doutorado, mas a maioria dos países gradualmente se move em direção a doutorados baseados em cursos. Outra tendência clara é uma mudança nos requisitos de dissertação, ou seja, o aumento da importância das publicações de pesquisa.

A necessidade de novos líderes na economia orientada para o conhecimento, a importância das parcerias entre a indústria e a universidade, um mercado de trabalho acadêmico cada vez menor e as amplas críticas contra a falta de atenção às habilidades levaram a uma mudança no propósito da educação para o doutorado. Os programas de doutorado não se limitam mais a fomentar novos bolsistas para o mercado de trabalho acadêmico. Isso leva ao desenvolvimento de doutorados profissionais e baseados no trabalho, especialmente em áreas como contabilidade, finanças, direito, medicina e enfermagem.

### Financiamento e Status dos Alunos

Os modelos de financiamento para doutorado são muito diversificados: gratuitos, com base em mensalidades, apoiados por bolsas e empréstimos, ou pagos com salário. Na China, Japão, Coreia do Sul, Reino Unido e EUA os custos das mensalidades são altos e a ajuda financeira depende do financiamento de programas, projetos de pesquisa ou universidades. A Alemanha oferece aos alunos o apoio necessário durante seus estudos, tornando o doutorado uma opção atraente para jovens talentosos de todo o mundo. No Cazaquistão e na Rússia, alguns alunos de doutorado pagam mensalidades, mas são bastante baixas. Na maioria dos sistemas de doutorado, inclusive no Reino Unido e nos EUA os doutorandos são considerados estudantes, enquanto na Alemanha, Holanda e alguns países escandinavos os doutorandos têm o status de funcionários universitários.

### O Impacto da Pandemia

Como todos os outros alunos, os alunos de doutorado são afetados pela atual pandemia. Muitos não conseguem trabalhar em seus projetos, principalmente quando há equipamentos envolvidos. Alguns sofrem com a falta de comunicação e apoio de seus consultores e departamentos. Para quem está entrando no mercado de trabalho este ano, a situação é extremamente incerta e insegura. Os efeitos negativos da pandemia provavelmente aumentarão: algumas escolas de doutorado em várias das principais universidades dos Estados Unidos já anunciaram que não admitirão candidatos a doutorado em seus programas no próximo ano para "concentrar recursos em seu trabalho com os alunos de doutorado existentes". Definitivamente, as universidades precisarão de tempo para retornar em escala total à sua função de preparar novos acadêmicos. ▲

*Victor Rudakov é membro de pesquisa no Centro de Estudos Institucionais da Escola Superior de Economia (HSE) da National Research University, Moscou, Rússia. E-mail: vrudakov@hse.ru*  
*Maria Yudkevich é diretora do Centro e vice-reitora da HSE. E-mail: yudkevich@hse.ru*

*Este artigo oferece uma visão geral de resultados do recente livro Trends and Issues in Doctoral Education: A Global Perspective, editado por M. M. Yudkevich, P. G. Altbach, e H. de Wit. Sage, 2020.*

# África: Desafios de Recursos para a Educação Doutoral

Wondwosen Tamrat e Getnet Tizazu Fetene

A contribuição da pesquisa de doutorado para o avanço do conhecimento é amplamente reconhecida. No continente africano, a formação de doutorado tem sido especialmente promovido pelo seu papel crítico e potencial contributo para o desenvolvimento econômico e científico. Como resultado, o vínculo entre os estudos de doutorado e a pesquisa para o desenvolvimento da África tem sido enfatizado no discurso público, orientações políticas e esquemas de expansão de programas. Presume-se que as principais necessidades de construção de capacidade de pesquisa e aumento do desenvolvimento econômico no continente podem ser atendidas com o apoio a instituições de ensino superior que oferecem programas de pós-graduação, especialmente ensino de doutorado.

Embora esta suposição básica pareça ser compartilhada por todo o continente, a importância crucial dos programas de doutorado na melhoria da qualidade da educação nas universidades africanas também foi reconhecida. Este último foi ditado pela necessidade de atualizar a qualificação acadêmica do corpo docente, onde há deficiência significativa em muitas universidades em todo o continente. No entanto, apesar do crescente interesse na expansão dos programas de doutorado, os estudos de doutorado na África e em países de baixa renda em geral enfrentam uma série de desafios.

Em um recente estudo que conduzimos para examinar as opiniões dos alunos de doutorado sobre os esquemas de apoio e recursos implantados para executar programas de doutorado, a questão do financiamento e dos recursos surgiu como a área mais crítica que impede o progresso e o sucesso dos estudos de doutorado na Universidade de Addis Abeba — universidade emblemática da Etiópia e principal provedora de doutorado.

## Disponibilidade de Recursos

O estudo revelou que os alunos de doutorado estão insatisfeitos com o baixo padrão e disponibilidade de recursos, como instalações de TI e informática, trabalho pessoal ou espaço de estudo, biblioteca e recursos de serviços de pesquisa eletrônica, qualidade dos acervos da biblioteca e disponibilidade de laboratório, clínica ou instalações físicas relacionadas.

A avaliação geral atribuída pelos alunos de doutoramento à adequação das instalações foi muito baixa e bastante preocupante. Em termos de categorias específicas identificadas, a disponibilidade de laboratório, clínica, estúdio ou outras instalações físicas recebeu uma classificação média de 1,65 (desvio padrão [DP] = 0,99) de uma possível pontuação média alta de 5; e a disponibilidade de trabalho pessoal ou espaço de estudo foi avaliada em 1,91 (DP = 1,13). Há claramente um alto nível de concordância entre os alunos de doutorado sobre a falta de recursos, o que deve estar afetando negativamente o sucesso de sua jornada de doutorado.

Descobrimos que nossos resultados são consistentes com estudos locais anteriores, onde instalações e recursos precários, falta de laboratório e materiais de aprendizagem, falta de escritório ou espaço de trabalho para alunos de doutorado e deficiências relacionadas foram relatados como os principais desafios dos programas de pós-graduação na maioria das universidades etíopes. O mesmo é verdade em relação a muitos países africanos onde a expansão do ensino de doutorado não foi acompanhada por uma melhoria correspondente na disponibilidade de instalações criticamente necessárias para a execução de programas de doutorado bem-sucedidos.

## Disponibilidade de Suporte Financeiro

A questão do financiamento para doutorado em muitos países africanos foi repetidamente identificada como um incentivo crítico — ou barreira. No contexto do presente estudo, os alunos de doutorado avaliaram o apoio financeiro e os esquemas de apoio relacionados fornecidos à universidade como ruins. De uma pontuação possível de 5, as classificações dos alunos variaram de uma média de 1,18 (DP = 0,68) a 2,53 (DP = 1,13). No que diz respeito à disponibilidade de apoio financeiro para participar em conferências ou workshops, que é a...

### Resumo

Este artigo examina a oferta de ensino de doutorado na Etiópia e suas implicações para o ensino superior africano. Apesar do papel atribuído à educação doutoral para alcançar o desenvolvimento econômico e melhorar a qualidade do ensino superior, os recursos para a execução de programas de doutorado estão faltando em muitos países africanos. Mais esforços devem ser direcionados para desenvolver a capacidade institucional e aproveitar os recursos necessários para executar programas médicos bem-sucedidos.

**Os desafios financeiros enfrentados pelos alunos de doutorado parecem ter sido uma característica comum e marcante do sistema.**

categoria menos avaliada, mais de 92% dos inquiridos disseram que o apoio que receberam foi fraco. Isso deve ser uma causa preocupante, uma vez que isso não só limita o sucesso da jornada de doutorado, mas também pode limitar a oportunidade dos alunos de desenvolverem sua capacidade e habilidades de pesquisa.

Os desafios financeiros enfrentados pelos alunos de doutorado parecem ter sido uma característica comum e marcante do sistema. A maioria dos programas frequentemente é aberta, sem os preparativos necessários e implantação de recursos adequados. Em termos de orçamento alocado para pesquisa de doutorado, o montante alocado na Universidade de Addis Ababa recentemente foi de até ETB 25.000 (US\$ 781,23) por aluno. Ciente dos custos exorbitantes envolvidos na realização de pesquisas de doutorado, a universidade foi forçada a complementar as alocações de alunos usando fundos de sua receita interna e financiamento externo recebido de parceiros de desenvolvimento internacionais.

O estudo indicou ainda que um recente aumento do orçamento de pesquisa para ETB 45.000 (US\$ 1.406,25) para estudantes de estudos sociais e humanidades e para ETB 60.000 (US\$ 1.875,00) para estudantes de ciência e tecnologia, ainda é considerado insatisfatório aos olhos dos alunos. Um estudante de doutorado lamentou a inadequação do esquema de financiamento da seguinte forma:

“Se os candidatos ao doutorado devem realizar estudos úteis para o país, eles devem ter apoio financeiro adequado. No entanto, o suporte financeiro atual é muito baixo. Por experiência própria, o valor não cobre minhas despesas de transporte. Em locais onde há problemas de segurança, espera-se que você pegue aviões. O orçamento nem cobre isso. E as pessoas envolvidas sabem claramente que é inadequado. Acho que o governo está ciente. O problema é não dar importância ao assunto e melhorar a situação.”

O que é mais preocupante sobre a dificuldade financeira enfrentada pelos alunos de doutorado é o fato de que o rigor financeiro existente está forçando-os a desviar o foco de pesquisa e comprometer a qualidade de produção. Um candidato a doutorado observa,

“Por saberem que o dinheiro que recebem da universidade é limitado, os doutorandos procuram adequar o tema da sua dissertação às missões e atividades de determinadas ONGs, com o objetivo de obter algum subsídio. Isso significa que os alunos de doutorado não estão pesquisando problemas que sejam de seu interesse nem aqueles que visam resolver problemas nacionais. Eles fazem pesquisas para obter algum efeito colateral da bolsa de pesquisa que garantem ao vincular seu tópico ao interesse de organizações patrocinadoras em potencial.”

Isso indica que os desafios financeiros da universidade ameaçam as metas de aumento da produtividade em pesquisa e do desenvolvimento econômico por meio do doutorado, consideradas as principais justificativas para a implantação dos programas. Os resultados da pesquisa em nível regional são indicativos de padrões semelhantes. A maioria dos países africanos gasta pouco em pesquisa, inovação e desenvolvimento, o que tem um impacto direto na expansão dos programas de doutorado e na promoção de resultados de qualidade.

### Conclusão

Dadas as circunstâncias, pode-se antecipar que nem o processo de ensino de doutorado nem a qualidade da produção de pesquisa na Etiópia ajudarão a alcançar os objetivos dos programas de doutorado, a menos que melhorias significativas sejam feitas em termos de revisão das diretivas nacionais e dos recursos e mecanismos de apoio. O mesmo é verdade para os muitos sistemas de ensino superior no continente onde, apesar dos esforços encorajadores para expandir o ensino de doutorado, pouca atenção é dada ao cumprimento dos requisitos necessários para executar programas de doutorado bem-sucedidos. Os esforços futuros devem se concentrar em abordar as restrições existentes, ao invés de abrir novos programas de doutorado sem um planejamento financeiro adequado.▲

*Wondwosen Tamrat é professor associado, fundador-presidente da St. Mary's University, Etiópia, e afiliado do PROPHE. Ele coordena o subcluster de ensino superior privado da Estratégia de Educação Continental da União Africana para a África (CESA). E-mail: wondwosentamrat@gmail.com ou preswond@smuc.edu.et*

*Getnet Tizazu Fetene é professor assistente de sociologia da educação do Departamento de Planejamento e Gestão Educacional da Universidade de Addis Ababa, Etiópia. E-mail: getnet.fetene@gmail.com*

# Japão: Declínio de Candidatos a Doutorado – Crise para Inovação?

Yukiko Shimmi

Doutorandos são vistos como um motor de inovação e seu número vem aumentando nos principais países. Dados da OCDE mostram que, entre 2010 e 2017 o número de graduados em programas de doutorado ou níveis equivalentes aumentou de 57.407 para 71.042 nos EUA e de 18.756 para 28.143 no Reino Unido. No entanto, diminuiu ligeiramente de 15.867 para 15.674 no Japão. Mais significativamente, no Japão, o número de novos ingressantes em programas de doutorado tem diminuído de seu pico de 18.232 em 2003 para 14.976 em 2019, de acordo com a pesquisa anual do ministério da educação, cultura, esportes, ciência e tecnologia (MEXT). O número de estudantes internacionais de doutorado, muitos de países asiáticos e especialmente da China, foi aproximadamente o mesmo nível de 2.643 e 2.664 nesses dois anos, e sua porcentagem aumentou de 14,5% para 17,8%. Embora a presença de alunos de doutorado internacionais tenha aumentado nas universidades japonesas, até agora as instituições não parecem capazes de compensar o declínio geral no número de alunos de doutorado japoneses.

## Antecedentes e Razões Potenciais

Uma das razões pelas quais os programas de doutorado não são tão populares entre os jovens japoneses é que um diploma de doutorado não é considerado útil para aumentar a empregabilidade nas empresas japonesas. Além disso, o salário médio dos doutorandos não é necessariamente superior ao dos mestres. Para dar um contexto, no Japão, até o início dos anos 1990, o objetivo principal dos programas de doutorado era treinar futuros professores e pesquisadores para trabalhar na academia. Depois de 1991, a capacidade das escolas de pós-graduação foi ampliada em cerca de 2,5 vezes para formar profissionais altamente qualificados. No entanto, devido à longa tradição de que os programas de doutorado eram para treinar graduados para buscar empregos acadêmicos, há uma incompatibilidade entre as habilidades desenvolvidas durante os programas e aquelas esperadas pelas empresas japonesas. Em uma pesquisa do Instituto Nacional de Política de Ciência e Tecnologia (NISTEP) em 2012, muitas empresas japonesas relataram que, embora os doutorandos tenham conhecimento especializado, é um desafio para eles aplicar seus conhecimentos e habilidades imediatamente às necessidades das empresas. Este problema também se aplica a estudantes internacionais de doutorado que procuram emprego em empresas japonesas.

Além disso, os jovens japoneses são desencorajados a buscar títulos de doutorado porque a carreira acadêmica dos graduados tornou-se instável. Essa situação ficou aparente com os cortes orçamentários sofridos pelas universidades japonesas em 2003. De acordo com o NISTEP, entre os doutorandos em 2012, cerca de 60% encontraram empregos em universidades ou institutos de pesquisa públicos. No entanto, mais de 60% ocupavam cargos não assumidos, com 70% com contratos inferiores a três anos. Os salários dos empregados não-remunerados tendem a ser menores do que os dos empregados efetivos ou que trabalham em empresas privadas. Além disso, a brevidade dos contratos torna difícil para os jovens pesquisadores selecionar e trabalhar em tópicos de pesquisa que requerem um compromisso de longo prazo. Esse problema também afeta os alunos internacionais. De acordo com o mesmo relatório, os estudantes internacionais de doutorado tendem a buscar posições acadêmicas. Após a formatura, mais da metade volta para seus países de origem para trabalhar.

Outra razão pela qual os jovens japoneses não buscam o doutorado é que o apoio financeiro é bastante limitado. Em contraste, alguns estudantes internacionais de doutorado recebem bolsas de estudo MEXT para estudos no Japão, e muitos outros estudantes internacionais com financiamento privado recebem isenção de mensalidade. De acordo com o relatório do MEXT de 2014, quase 50% dos doutores não receberam apoio financeiro para seus estudos de doutorado.

## Resumo

Por uma série de razões, enquanto o número de doutorandos tem aumentado nos principais países, no Japão o número de novos ingressantes em programas de doutorado tem diminuído. Para trazer inovação à sociedade e à indústria, o Japão precisa aumentar a atratividade de seus programas de doutorado com suporte estável e de longo prazo.

**Uma das razões pelas quais os programas de doutorado não são tão populares entre os jovens japoneses é que o doutorado não é considerado útil para aumentar a empregabilidade nas empresas japonesas.**

O mais extenso programa de bolsas de pesquisa, da Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência (JSPS), oferece JPY 200.000 por mês para estudantes de doutorado, o que é cerca de US\$ 1.900; no entanto, essa bolsa é concedida a menos de 5% dos novos ingressantes em programas de doutorado. Além disso, os ganhos com os estágios de pesquisa e de ensino nas universidades japonesas não são suficientes para ter uma vida decente. Isso é comparável à situação nos EUA, onde quase 80% dos alunos financiam seus estudos de doutorado principalmente com bolsas de pesquisa, assistências, participações ou bolsas de estudo, de acordo com a Pesquisa de Ganhos em Doutorados de 2019.

### **A Resposta do Governo**

Como uma forma de aumentar a atratividade dos programas de doutorado no Japão, o MEXT conduziu de 2011 a 2019 um projeto denominado “Programa Líder para Educação de Doutorado”. Nele, 62 programas de doutorado de cinco anos em 33 universidades receberam bolsas competitivas para desenvolver um programa para educar líderes equipados com especializações e perspectivas amplas para trabalhar globalmente na academia ou fora dela. Em muitos desses programas, profissionais de empresas privadas ministraram alguns cursos e os alunos foram incentivados a fazer estágios em empresas e também a fazer pesquisas no exterior. O MEXT relata que, em março de 2018, 96,5% dos 1.846 alunos desses programas encontraram emprego após a formatura. Isso era maior do que a porcentagem de todos os doutorandos naquele ano (72,1% de um total de 15.658 graduados). Além disso, 42,6% dos graduados do projeto MEXT seguiram carreiras não-acadêmicas, por exemplo, em empresas ou organizações governamentais, o que também é maior do que a porcentagem geral (25,1%).

Embora o Programa Líder pareça ter sucesso em aumentar o vínculo entre os programas de doutorado e as carreiras não-acadêmicas, um dos principais problemas dos projetos governamentais recentes é que eles tendem a se limitar a um período fixo. Quando o projeto do Programa Líder terminou, em 2019, um projeto semelhante, “Escola de Pós-Graduação de Excelência”, havia começado em 2018. No entanto, também é um projeto a termo, basicamente de sete anos. No final de janeiro de 2020, o Conselho de Ciência, Tecnologia e Inovação discutiu novas metas para aumentar a atratividade dos programas de doutorado, incluindo o aumento do apoio financeiro para alunos de doutorado. Em dezembro de 2020, foi relatado que o MEXT fornece até JPY 2.900.000 (cerca de US\$ 28.000) para cerca de 7.000 alunos de doutorado (cerca de 10% de todos os alunos de doutorado no Japão), embora os detalhes desse apoio ainda não tenham sido anunciados. Também é relatado que esse apoio será estável, que é o que o Japão precisa para aumentar a atratividade de seus programas de doutorado e trazer inovação para a sociedade e a indústria. ▲

*Yukiko Shimmi é conferencista  
sênior do Centro de  
Aprendizagem Global, Instituto de  
Excelência em Educação Superior,  
Tohoku University, Japão.  
E-mail: shimmi@tohoku.ac.jp*

# A Corrupção Acadêmica Pode Ser Erradicada?

Liz Reisberg

A corrupção existe em quase todas as empresas públicas e privadas em todos os países do mundo. Onde há benefícios privados a serem adquiridos, parece inevitável que haja indivíduos que exploram oportunidades para obter vantagens pessoais trapaceando, minando a integridade dos sistemas dos quais estão abusando por suas ações. O ensino superior não está imune. O relatório 2020 da Academia Russa de Ciências, documentando a retratação de 800 artigos de periódicos enviados por acadêmicos russos, é um exemplo chocante de quão sério e onipresente é o problema.

Em *Corruption in Higher Education – Global Challenges and Responses*, editado por Elena Denisova-Schmidt, estudiosos de todo o mundo sugerem que a corrupção no ensino superior resulta de sistemas mal planejados; alunos e professores que não entendem totalmente o que constitui um comportamento antiético; falta de consequências; indivíduos que se encontram em situações difíceis onde “atalhos” parecem ser a única solução; e indivíduos tentados por um caminho mais fácil para o desenvolvimento pessoal. A falta de clareza sobre a fronteira entre ético e antiético, ou de reconhecimento das circunstâncias que incentivam a corrupção em diferentes contextos complicam a eficácia de qualquer política ou procedimento projetado para proteger contra a corrupção acadêmica.

Claramente, não está sendo feito o suficiente em muitos países ou em muitas instituições para orientar alunos e professores quanto aos padrões internacionais aceitos de integridade acadêmica ou explicar por que esses padrões são importantes. Em alguns casos, as transgressões são cometidas inocentemente, ou porque comportamentos corruptos são observados em outros sem consequências e, posteriormente, “normalizados”. Embora alguns comportamentos sejam claramente errados, eles não podem ser resolvidos sem uma melhor compreensão de por que ocorrem. Os incentivos para trapacear são geralmente grandes, enquanto as consequências da trapaça são poucas.

## Atalhos e Incentivos Perversos

Talvez uma das conclusões mais importantes a serem tiradas do livro é que a corrupção não será erradicada simplesmente punindo indivíduos que são considerados culpados de prática antiética. Muitos sistemas apresentam incentivos estruturais perversos para trapacear ou ignorar a trapaça. É o caso da Armênia, Lituânia, Rússia e Ucrânia, onde os instrutores enfrentam o dilema de ignorar a trapaça ou demitir alunos cujos pagamentos sustentam a universidade.

A massificação certamente contribuiu para o problema. O resultado da expansão do acesso fez com que mais alunos ingressassem no ensino superior despreparados. Onde faltam serviços de apoio acadêmico, há incentivo para trapacear para ter sucesso. A fraude contratual, quando os alunos compram artigos para entregar como seus, é uma das consequências. Em alguns casos, os alunos recorrem a isso devido à pressão. Os artigos para compra são facilmente encontrados online. Agências que vendem artigos e ensaios geralmente o fazem de forma ostensiva, às vezes bem próximas do campus. As “fábricas de artigos” atendem não apenas às necessidades dos alunos que os compram, mas também dos autores que os escrevem. No Quênia, por exemplo, graduados universitários muitas vezes recorrem à venda de redações online como resultado de limitadas oportunidades de emprego legítimas na fraca economia queniana. O governo do Quênia enfrentaria um problema maior de desemprego se houvesse qualquer esforço conjunto para reprimir a indústria da “redação acadêmica”.

O número crescente de graduados universitários em certa medida desvalorizou a qualificação. Em muitos países, um diploma universitário tornou-se uma qualificação básica, mesmo para uma posição que não exige habilidades de nível superior. O resultado é um segmento de mercado que atende pessoas interessadas em adquirir o título sem investir tempo ou esforço para conquistá-lo. Para esses indivíduos, é...

## Resumo

A corrupção é generalizada no ensino superior em todo o mundo, resultado de uma confluência de circunstâncias que a tornam atraente devido a recompensas potenciais e consequências limitadas. Muitos sistemas de ensino superior apoiam involuntariamente incentivos perversos para a proliferação da corrupção. Este artigo cita exemplos de corrupção destacados em um volume publicado recentemente, *Corruption in Higher Education – Global Challenges and Responses*.

tentador comprar um diploma que fornecerá credenciais para qualquer grau, em qualquer nível, por uma fração do custo do estudo e praticamente sem compromisso de tempo. Apesar dos esforços da UNESCO e de outras organizações, tem se mostrado impossível criar um banco de dados completo de empresas que contribuem para esse tipo de fraude.

### Os Empreendimentos Comerciais Atendem uma Necessidade

Quando o emprego acadêmico e a promoção dependem do número de publicações, os indivíduos inevitavelmente recorrerão a periódicos predatórios. A proliferação de periódicos responde a essa necessidade, mas também complica a tarefa de distinguir publicações predatórias das legítimas. As tentativas de desenvolver “listas negras” são frustradas pela falta de recursos necessários para revisar uma infinidade de periódicos existentes.

As conferências predatórias representam um desafio semelhante. Os organizadores encontraram um público receptivo, especialmente entre jovens acadêmicos que precisam construir seu currículo ou outros que se sentem lisonjeados com um convite para apresentar. Há também o apelo de se obter fundos universitários para viagens, com o resultado de que até mesmo acadêmicos de instituições de elite participam. Infelizmente, todos os tipos de instituições hospedam esses eventos, valorizando-os como fonte de receita.

Finalmente, “terceiros” engenhosos agem como intermediários para colocar alunos em potencial em universidades no exterior (mais frequentemente na Austrália, no Reino Unido e nos EUA). Embora essa prática pise em uma tênue linha ética dependendo de quais interesses são primordiais, os incentivos para todas as partes são poderosos — para o aluno e a família do aluno, ela interrompe um processo complicado de classificação através da superabundância de opções internacionais; para as universidades, traz alunos que pagam integralmente com pouco esforço de recrutamento; para os agentes que atuam como intermediários, o arranjo é lucrativo.

### Soluções

A eliminação da corrupção no ensino superior exigirá esforços em várias frentes. Talvez o mais importante seja a necessidade de orientar professores e alunos sobre o que constitui corrupção acadêmica e de abordar as questões subjacentes que incentivam o comportamento antiético. Onde os alunos não podem se dar ao luxo de se dedicar ao estudo em tempo integral, são necessários mecanismos para aliviar a pressão financeira. Quando os alunos lutam para equilibrar o tempo de estudo e a necessidade de manter um emprego, há a tentação de fazer uso eficiente do tempo trapaceando. Além disso, a linha entre os interesses financeiros, profissionais ou acadêmicos de indivíduos que ocupam cargos públicos ou de outra forma influenciam as políticas públicas costuma ser confusa. A menos que conflitos de interesse possam ser identificados e evitados, a corrupção florescerá.

Uma questão crítica que é apenas parcialmente abordada no livro é o problema criado pela maneira como o sucesso é medido. Enquanto o progresso na graduação for medido predominantemente por exames e trabalhos, as fraudes, personificações, tecnologias e fábricas de artigos oferecerão um caminho atraente para os resultados necessários. Mecanismos alternativos para medir a aprendizagem dos alunos podem eliminar muitos desses atalhos para a graduação. Da mesma forma, se o sucesso do corpo docente for medido quantitativamente, as opções ilícitas permanecerão atraentes. Há menos oportunidades de corrupção quando a excelência no ensino e no serviço à instituição são mais valorizados.

### Conclusão

O ensino superior é fundamental para a criação de capital humano altamente qualificado, necessário nas economias atuais baseadas no conhecimento. Cidadãos de todas as nações, em todos os estágios de desenvolvimento, precisam confiar nas universidades para proteger a integridade e a qualidade de sua “produção”.

Não se pode ler este livro sem ficar impressionado com o grau de inovação que produziu tantas formas de corrupção acadêmica. Se esses esforços criativos pudessem ser empregados de forma mais ética, quão maior seria a conquista das universidades do mundo! ▲

Quando o emprego acadêmico e a promoção dependem do número de publicações, os indivíduos inevitavelmente recorrerão a periódicos predatórios.

*Liz Reisberg é consultora em ensino superior internacional e membro de pesquisa no Centro Internacional de Ensino Superior, Boston College, EUA. E-mail: reisberg@gmail.com*

# Comprar ou Não? Investimentos em Dissertação na Ucrânia

Ararat L. Osipian

Muitas nações de renda média baixa, incluindo regimes comunistas e pós-comunistas, estão passando por uma transição de mercado há décadas. Em muitos casos, apesar do longo período de transformação, as reformas de mercado empreendidas por diferentes regimes políticos dificilmente podem ser consideradas bem-sucedidas. Economias nacionais amplamente monopolizadas, semifeudais, em uma extensão significativamente ilícitas e altamente corruptas, não apresentam mercados bem desenvolvidos e competitivos. No entanto, há um mercado que é uma clara exceção por causa do produto incomum — as teses de doutorado. Aqueles que usam este produto prejudicam as economias nacionais devido à falta de habilidades desenvolvidas. Disponíveis para venda, os diplomas de doutorado não sinalizam mais especialização. No mercado internacional, não está claro quanto valem os diplomados. O problema das dissertações compradas é uma preocupação global.

## Ucrânia Avança em Dissertações Escritas por *Ghost-writers*

Meu estudo de uma década, "Economia da Corrupção na Educação de Doutorado: O Mercado de Dissertações", publicado na *Economics of Education Review*, encontrou 169 empresas na Rússia que produzem dissertações escritas por ghost-writers. A Ucrânia tinha apenas 16 dessas empresas na época. Meu estudo mais recente, "Deixe-me escrever uma dissertação para você: a abordagem de custo-benefício em nível micro para a fraude de doutorado", que apareceu em *Compare: A Journal of Comparative and International Education*, encontrou 46 firmas que oferecem dissertações para venda na Ucrânia. Além disso, há vários estudantes individuais — freelancers de algum tipo — ansiosos para escrever uma dissertação por um preço razoável. Essas empresas e indivíduos representam o lado da oferta do mercado de dissertações para venda. Pode-se pedir uma dissertação em qualquer área sobre o tema de sua escolha. A demanda por esses serviços vem em grande parte de doutorandos, membros do corpo docente e administradores já empregados em faculdades e universidades, médicos, funcionários públicos, políticos e empresários. Enquanto os empresários estão interessados em doutorados por prestígio e reputação, outros clientes em potencial têm razões claramente econômicas.

## Considerações Morais e Éticas à Parte

Os resultados do meu trabalho de campo realizado na Ucrânia mostram que as considerações éticas e as questões de conduta profissional desempenham um papel pequeno, quando muito, em tais decisões. Ao contrário, as questões monetárias dominam a tomada de decisões. Comprar uma dissertação como um investimento de longo prazo é atraente para clientes em potencial que aspiram ao doutorado. Eles têm que considerar os custos de estarem envolvidos no ensino e na pesquisa para obter um doutorado legitimamente, mesmo que um doutorado gere alguns benefícios a longo prazo. A menos que alguém trabalhe para uma instituição de ensino superior ou de pesquisa, seja um profissional médico ou funcionário público, ocupe um cargo público, trabalhe no exército ou em uma agência de aplicação da lei, ou planeje uma carreira como político, qualquer benefício em ter um doutorado é duvidoso. O setor privado, incluindo grandes, médias e pequenas empresas, não dá muito peso ao doutorado de seus funcionários e proprietários de negócios. Assim, a fraude no doutorado está intimamente ligada ao setor público.

## Os Crescentes Custos de um Doutorado

A Ucrânia ainda tem um sistema de dois níveis de doutorado, com um primeiro nível, *kandidat nauk*, e um nível superior, *doktor nauk*. Embora o primeiro tenha sido renomeado recentemente para "PhD" em referência ao grau ocidental, em essência o sistema permanece virtualmente intacto. Para chegar ao doutorado, é necessário produzir e defender uma dissertação. A preparação e publicação de trabalhos acadêmicos também são necessárias. Todos esses requisitos estão disponíveis para

### Resumo

Além das fábricas de artigos acadêmicos generalizadas e globalizadas, a fraude no doutorado está se tornando um problema. Na Ucrânia, dezenas de empresas oferecem dissertações escritas por ghost-writers para venda. Os aspirantes ao doutorado enfrentam o dilema: comprar ou não uma dissertação escrita por outrém. Apesar dos custos crescentes de um doutorado, é um título que traz segurança no emprego e benefícios fantásticos, além de grandes incrementos para aqueles que decidem investir em uma dissertação comprada.

**Disponíveis para venda,  
os diplomas de doutorado não  
sinalizam mais especialização.**

venda. O custo total da dissertação, trabalhos acadêmicos e referências e revisões para um *kandidat nauk* custaria cerca de US\$ 5.000. Isso se baseia nas médias dos preços mínimos (básicos) divulgados pelas empresas. O preço máximo desse pacote gira em torno de US\$ 19.000, quase quatro vezes o preço básico médio. Para um grau *doktor nauk*, os preços são muito mais altos. O custo total da dissertação, trabalhos acadêmicos e referências e revisões custaria cerca de US\$ 25.000. O preço máximo chega a US\$ 82.000. Como o *kandidat nauk* é pré-requisito necessário para o diploma *doktor nauk*, o último resulta em um preço máximo de mais de US\$ 100.000. Esses preços altos são inacessíveis para a maioria e irracionais. Na verdade, quem gostaria de gastar um mínimo de US\$ 5.000 para um diploma *kandidat nauk* em um sistema acadêmico em que um professor associado de uma universidade pública típica tem que sobreviver com magros US\$ 300 por mês ou até menos? No entanto, o aumento significativo no número de provedores — de 16 para 46 — pode ser uma indicação de aumento da demanda por doutorados.

Além dos custos listados acima, há outros custos, incluindo aqueles que às vezes são chamados de custos diretos da corrupção. Não é incomum que candidatos a doutorado, especialmente aqueles que compram dissertações por escrito, subornem membros de sua comissão de doutorado em troca de admissão à defesa e votos positivos. Além disso, banquetes e presentes luxuosos são considerados partes naturais dessa tradição corrupta. Finalmente, os custos também incluem a papelada. Antecipando-se à defesa da dissertação e à concessão do título de doutor, deverá ser apresentado ao Ministério da Educação e Ciência o conjunto de documentos exigidos. Esses documentos também podem ser preparados, mediante o pagamento de uma taxa, por especialistas intimamente ligados àqueles que oferecem dissertações escritas para venda. Além disso, existem inúmeras outras despesas menos significativas. Essas despesas elevam o custo do curso ainda mais alto do que o preço médio usado na análise de custo-benefício inicial.

#### **Vale a Pena Ter um Doutorado**

Ainda assim, os benefícios podem justificar os custos. Os titulares de graus de doutorado têm direito a uma remuneração significativamente mais elevada, tanto em faculdades e universidades públicas e privadas, como em cargos públicos. Os benefícios também incluem cargos mais altos em hierarquias acadêmicas ou burocráticas e recebimento de salários mais altos de aposentadoria. A segurança no emprego também é uma consideração. Para ser franco, um doutorado é um título que oferece segurança e benefícios fantásticos. Além disso, em um país corrupto como a Ucrânia, professores e burocratas estatais geram renda ilícita na forma de subornos para complementar seu pagamento legal. Com bastante frequência, essa renda ilícita pode exceder o pagamento formal. A especialização resultante de um doutorado também pode prometer um nível mais alto de renda ilícita e expandir as oportunidades de corrupção.▲

*Ararat L. Osipian é membro do  
Institute of International  
Education e do New University  
in Exile Consortium, EUA.  
E-mail: araratos@yahoo.com*

# Falsas Afiliações Institucionais e Métricas de *Gaming University*

Vivienne C. Bachelet

No ano passado, a Sexta Conferência Mundial sobre Integridade em Pesquisa foi realizada em Hong Kong nos primeiros dias de junho, pouco antes das manifestações em massa de 9 de junho de 2019. A conferência aconteceu na Universidade de Hong Kong e reuniu acadêmicos, pesquisadores, defensores, jornalistas, editores, funcionários de integridade de pesquisa da universidade, funcionários do governo e assim por diante, de todo o mundo. Houve uma participação considerável de delegados chineses, bem como palestras dos principais representantes da República Popular da China.

Uma das principais sessões foi dedicada ao papel que as agências de financiamento desempenham na definição de práticas de pesquisa responsáveis. Um dos palestrantes foi Qikun Xue, da Universidade Tsi-nghua, que deu uma visão geral das políticas e práticas de integridade de pesquisa de sua instituição, classificada em primeiro lugar na China e na Ásia pelo *Times Higher Education World University Rankings*. Depois da palestra, um delegado o questionou de maneira muito direta sobre a política da universidade chinesa de pagar pesquisadores por artigos publicados em periódicos de alto impacto. Seu tom era hostil e subjacente à sua pergunta estava a suposição de que pagar aos cientistas uma taxa por artigos publicados é contrário à integridade da pesquisa. Qikun Xue respondeu laconicamente que sua universidade não pagava cientistas para publicações acadêmicas há mais de uma década.

## Recompensas Monetárias para Artigos Publicados

Há um problema em pagar a acadêmicos ou cientistas um incentivo monetário para cada artigo publicado em um periódico de alto impacto ou para artigos publicados em periódicos indexados no Scopus ou Web of Science (WoS)? Essa prática, muito extensa na China até recentemente, quando foi proibida, não ocorre apenas lá — de fato, é difundida em muitos países. No Chile, quase todas as universidades pagam recompensas por artigos publicados, e os incentivos em dinheiro são dimensionados de acordo com a classificação da revista ou do serviço de indexação (os artigos indexados pela WoS recebem mais do que os artigos da Scopus).

O motivador por trás dessa política é incentivar os acadêmicos que apenas ensinam para começar a conduzir pesquisas e publicações. Em muitos países emergentes com sistemas de ensino superior que ainda estão lutando para consolidar uma cultura de pesquisa, esta parece uma maneira fácil de aumentar sua produtividade e, conseqüentemente, de ganhar posições em rankings universitários, a maioria dos quais depende fortemente de resultados informados pela WoS ou Scopus. Embora essa prática pareça ser desaprovada pela cultura científica ocidental — e alguns possam considerá-la uma violação da integridade da pesquisa, outros vêem essa política generalizada como uma forma de aumentar a produtividade de seus cientistas e, conseqüentemente, o prestígio e a reputação da instituição. Qualquer que seja a opinião sobre este sistema de recompensa, o componente objetivo subjacente é o *relatório de afiliação institucional*.

## As Universidades Estão Comprando Publicações?

Recompensas para estimular uma cultura de pesquisa poderiam ter se transformado em uma forma diferente de jogar o sistema para as universidades que estão interessadas em avançar suas posições nas classificações internacionais. Muito se ganha ao melhorar a posição de uma universidade, pois uma classificação mais alta pode levar a mais matrículas e receitas de alunos.

As universidades no Chile usam muitos mecanismos para contornar o sistema, como encorajar autores ingênuos a incluir a afiliação universitária no título do autor de uma submissão, mesmo sem ter contribuído para a pesquisa ou para o salário do acadêmico. Há casos de universidades privadas chilenas com fins lucrativos que buscam pesquisadores estrangeiros, oferecendo incentivos em dinheiro para incluir a afiliação universitária em sua próxima submissão a um periódico de alto impacto, mesmo quando esses autores não têm nenhuma ligação com aquela universidade.

### Resumo

As publicações são usadas por rankings para construir seus indicadores de qualidade universitária. Muitas universidades em todo o mundo pagam a seus acadêmicos e cientistas recompensas em dinheiro pela publicação em periódicos indexados ou de alto impacto, como forma de aumentar sua produtividade. No entanto, as universidades podem estar usando outros mecanismos para aumentar o número de publicações que são creditadas em suas contas, jogando com as métricas usadas para classificar as universidades.

**Além do nosso estudo, parece  
haver pouco ou nenhum interesse  
na integridade da pesquisa  
e ética de publicação por parte  
da comunidade.**

*Vivienne C. Bachelet é professora  
associada da Faculdade de  
Medicina da Universidade de  
Santiago do Chile (USACH), Chile.  
E-mail:  
[vivienne.bachelet@usach.cl](mailto:vivienne.bachelet@usach.cl)*

Incentivos em dinheiro oferecidos por universidades também podem atrair interesse de pesquisadores clínicos independentes em, digamos, hospitais universitários. Embora a afiliação real do autor seja o hospital onde ele trabalha, uma afiliação institucional pode surgir na publicação dos resultados como resultado da oferta em dinheiro. Da mesma forma, tutores casuais que ministram cursos em várias universidades podem comprar os preços mais altos por papel ou, melhor ainda, coletar todos; no momento da submissão, este autor aparecerá como tendo múltiplas afiliações institucionais. Em outras partes do mundo, as universidades oferecem cargos honorários a acadêmicos de prestígio de universidades ocidentais, às vezes por contrato, com a expectativa de que as publicações desses acadêmicos também incluam as instituições como afiliações.

### **Impacto nas Classificações**

Consequentemente, muito depende das afiliações, mas muito mais está em jogo nas afiliações institucionais. Os sistemas de classificação e credenciamento de qualidade e a competição entre universidades levaram a uma cultura de classificação. Muitos dos indicadores usados por rankings (ex.: prêmios Nobel) não são fáceis de ajustar em um curto período de tempo, enquanto a produtividade (produção) é. Múltiplas afiliações estão se tornando cada vez mais comuns — pode-se até dizer padrão — devido à internacionalização das universidades e ao crescimento dos projetos de pesquisa colaborativa.

Não é surpresa, portanto, que a maioria dos artigos, especialmente na área biomédica, tenha muitos autores, e uma proporção deles pode relatar múltiplas afiliações institucionais. Quando um autor correspondente submete um manuscrito para publicação, todas as afiliações na assinatura do autor são autorrelatadas. Surpreendentemente, não há recomendações conhecidas para relatar corretamente as afiliações, e os autores confiam em seu próprio julgamento para incluir uma ou mais afiliações, dependendo do que está em jogo. No entanto, como saber se as afiliações relatadas são reais? Até que ponto as partes interessadas verificam se as afiliações estão corretas? Em um estudo que examinou e verificou as afiliações de autores que relatam múltiplas afiliações, com pelo menos um deles pertencendo a uma instituição de ensino superior chilena, não foi possível validar 38% das afiliações relatadas usando meios publicamente disponíveis.

Quando as métricas se tornam a força motriz que sustenta muitas definições importantes de políticas de ensino superior, a validade dos dados usados para construir essas métricas é essencial. Além do nosso estudo, parece haver pouco ou nenhum interesse na integridade da pesquisa e na ética de publicação por parte da comunidade. Se o sistema global de ensino superior deve continuar usando publicações acadêmicas como uma forma de medir a qualidade institucional, ele deve garantir que não haja jogo. As implicações são de longo alcance e as soluções devem envolver muitas partes interessadas, incluindo universidades, casas de classificação, periódicos, financiadores e organizações de integridade de pesquisa e ética de publicação. ▲

# As Tragédias do Ensino Superior Brasileiro

Marcelo Knobel e Fernanda Leal

**E**m artigos anteriores, resumimos mudanças críticas nas políticas do ensino superior brasileiro desde que o presidente Jair Bolsonaro assumiu o cargo em janeiro de 2019. Essencialmente, nos referimos às incertezas, controvérsias e resistências a que o setor tem sido submetido: restrições orçamentárias impostas à ciência e às instituições públicas de ensino superior (IES); o preconceito ideológico do presidente contra as humanidades; e o programa “Futuro-se”, proposta do ministério da educação com perspectiva neoliberal, que visa aumentar a autonomia financeira das IES públicas federais — ao mesmo tempo em que intensifica os mecanismos de controle.

Neste artigo, damos continuidade a essa reflexão, apresentando o que chamamos de “uma cronologia de tragédias”, uma revisão dos acontecimentos ocorridos no ensino superior brasileiro desde setembro de 2019. Esses eventos revelam as formas como as políticas federais continuam ameaçando a autonomia da universidade, ainda que o setor público de ensino superior tenha se mostrado fundamental para o enfrentamento da atual pandemia de COVID-19.

## Mais Incertezas, Controvérsias e Resistências

Um dos efeitos notáveis das políticas do Bolsonaro no ensino superior tem sido a instabilidade do setor. Muitas de suas medidas foram impostas sem qualquer diálogo com universidades e associações representativas, resultando em fortes resistências e iniciativas sendo canceladas ou adiadas.

O terceiro ministro da educação desde o início de sua presidência foi substituído em julho de 2020. A administração de Abraham Weintraub foi a segunda e mais longa (de abril de 2019 a junho de 2020) e deixou um legado muito negativo. Devido às suas posições ideológicas e hostilidade para com as universidades públicas e acadêmicos, Weintraub teve de deixar o cargo. Ele foi tão longe com suas atitudes polêmicas que o presidente não tinha mais justificativa para mantê-lo no cargo. Talvez um dos momentos mais flagrantes foi quando Weintraub apareceu em uma pequena manifestação pró-governo em junho de 2020 — no meio de uma das piores catástrofes de saúde pública da história moderna — sem máscara. Ele cumprimentou os manifestantes e proclamou: “Não quero mais sociólogos ou antropólogos. Não quero mais filósofos com meu dinheiro.”

O economista Carlos Alberto Decotelli foi indicado para acompanhar Weintraub. No entanto, devido a várias inconsistências em suas qualificações acadêmicas, incluindo informações imprecisas e acusações de plágio, ele não foi nomeado. Em julho, o padre presbiteriano Milton Ribeiro assumiu o ministério, provocando novas preocupações a partir de declarações como a sugerir que ser homossexual é uma questão de educação e de valores. Em geral, o ministro tem adotado um perfil extremamente baixo, mas, infelizmente, a situação do ensino superior e da ciência não está melhorando em nada.

## Mais Restrições Orçamentárias

Os cortes orçamentários que restringem as universidades públicas e o financiamento da ciência continuam e devem atingir patamares maiores em 2021. No início de 2020, a Capes anunciou um novo modelo de concessão de bolsas de pesquisa para pós-graduandos, priorizando as áreas tecnológicas. Da mesma forma, o CNPq, órgão federal, excluiu as ciências humanas e sociais dos projetos de pesquisa prioritários a serem financiados de 2020 a 2023. Isso foi justificado no interesse de “acelerar o desenvolvimento econômico e social do país”.

A Capes e o CNPq são as principais agências de fomento a bolsas de pesquisa no Brasil. A Capes também é responsável por avaliar e credenciar programas de pós-...

### Resumo

Continuando nossa reflexão sobre mudanças críticas nas políticas de ensino superior brasileiro desde que o presidente Bolsonaro assumiu o cargo em janeiro de 2019, este artigo apresenta o que chamamos de “uma cronologia das tragédias”, uma revisão dos eventos que ocorreram desde setembro de 2019. Esses acontecimentos revelam as formas como as políticas federais continuam a ameaçar a autonomia universitária, embora o setor público de ensino superior tenha se mostrado fundamental para o combate à atual pandemia de COVID-19.

**Suas vozes combinadas são  
um contraponto essencial  
à negação da seriedade  
do vírus e à sugestão de que  
"ciência é ficção", propagada  
pelo governo Bolsonaro.**

*Marcelo Knobel é reitor da  
Universidade Estadual de Campinas  
(Unicamp) e professor titular do  
Instituto de Física Gleb Wataghin,  
Unicamp, Brasil.  
E-mail: knobel@ifi.unicamp.br*

*Fernanda Leal é assistente executiva  
do reitor de desenvolvimento e  
gestão de pessoas da Universidade  
Federal de Santa Catarina (UFSC),  
Brasil, e ex-membro visitante do  
Centro Internacional de Ensino  
Superior (CIHE), Boston College, EUA.  
E-mail: fernanda.leal@ufsc.br*

graduação, e a restrição do financiamento da pesquisa a alguns “campos prioritários” potencialmente coloca em risco o desenvolvimento de muitas áreas e a liberdade acadêmica, com sérias consequências para o pensamento crítico.

As sucessivas restrições orçamentárias serão ampliadas, já que as IES federais deverão enfrentar um corte adicional de 18% (correspondendo a aproximadamente US\$ 185 milhões) em 2021 em despesas discricionárias (pagamentos, investimentos e assistência estudantil). Essa situação será agravada pela aprovação de um projeto que realoca aproximadamente o equivalente a US\$ 260 milhões do ministério da educação para os ministérios da infra-estrutura e do desenvolvimento regional em novembro. Isso, argumentam as associações de IES federais, prejudicará as atividades de ensino, pesquisa e extensão, com impacto direto na sociedade brasileira.

### **Mais Ameaças à Autonomia Administrativa**

Após a rejeição do “Programa Future-se” pela grande maioria das IES federais, o governo buscou novas formas de interferir em sua gestão. Em junho passado, o presidente publicou uma medida provisória segundo a qual, ao término do mandato de quatro anos de um reitor durante a pandemia de COVID-19, o ministério da educação designa seu sucessor, desviando-se da longa e consagrada tradição eleitoral de líderes universitários por professores, funcionários administrativos e alunos. Como o governo federal tem demonstrado pouca preocupação com a pandemia, essa medida parece ser um meio de interferir em sua autonomia. De fato, a afirmação de que não seria possível votar em novos reitores durante a pandemia é absurda, já que a maioria das atividades continuou remotamente e a tecnologia atual torna a votação à distância possível e segura. Felizmente, o Senado anulou a decisão, pois se desviava da Constituição brasileira.

De acordo com a constituição, o processo começa com uma votação institucional interna. O conselho universitário então envia ao presidente uma lista destacando os três primeiros indicados. Desde a volta à democracia do país, a prática é que o presidente indique o primeiro candidato da lista, respeitando a escolha da comunidade universitária. Desde 2019, Bolsonaro nomeou reitores após 27 eleições universitárias, mas em 10 delas desconsiderou a escolha das instituições. Em um dos casos, o candidato designado pelo presidente nem constava da lista. Mesmo sem obrigatoriedade, aceitar a preferência da comunidade acadêmica é uma importante expressão de respeito pela autonomia e legitimidade das instituições que sofreram com a falta de democracia durante a ditadura militar. A gestão de uma universidade complexa por um indivíduo que não foi escolhido pela maioria da comunidade apenas exacerba as tensões dentro do ambiente acadêmico.

Outra preocupação é a intenção do governo federal de expandir permanentemente o ensino à distância nas IES federais. Em outubro, o presidente criou dois grupos de trabalho para apresentar estratégias nesse sentido. A pandemia de COVID-19 levou as instituições de ensino superior a encontrar maneiras de fornecer ensino remoto como medida de emergência. No entanto, questões como qualidade e acesso dos alunos à tecnologia precisam ser abordadas e amplamente discutidas pelas IES e instituições representativas. À medida que as IES públicas ampliaram o acesso nos últimos anos, mais alunos de famílias de baixa renda se matricularam. Os riscos de desigualdade digital como resultado da expansão permanente do ensino à distância não podem ser desconsiderados. Antes de tentar uma mudança tão importante, as IES devem ter a possibilidade de avaliar e mitigar seu impacto potencial em termos de acesso e qualidade.

Paradoxalmente, apesar de todas as tragédias que o sistema público de ensino superior vem sofrendo, o momento atual pode ser considerado como uma oportunidade para as IES reforçarem seu valor para a sociedade por meio da aproximação com as comunidades que as cercam. Após anos de ataques implacáveis, com a pandemia, a mídia tem dado mais espaço para que os membros do corpo docente sejam ouvidos e enfatizem a importância da pesquisa para abordar questões públicas críticas, como o combate ao vírus. As IES públicas são responsáveis por 95% da pesquisa do país e suas vozes combinadas são um contraponto essencial à negação da seriedade do vírus e à sugestão de que “ciência é ficção”, propagada pelo governo Bolsonaro. As tentativas de silenciar acadêmicos e controlar universidades colocam a democracia, o desenvolvimento e o bem-estar social em risco em todo o país e prejudicam as conquistas que surgem da autonomia universitária e da liberdade acadêmica em todo o mundo.▲

# Emergindo da Névoa: Universidades Francesas e Classificações Globais

Ludovic Highman

O sistema de ensino superior da França pode ser descrito como *sui generis* e foi categorizado como fragmentado, estratificado e multifacetado. Desde o início do século XXI, a França tem racionalizado seu sistema de ensino superior, após a decepção com o fraco desempenho de suas instituições nos rankings universitários globais. Para remediar isso, os processos de reforma iniciados pelo governo têm procurado reduzir a divisão entre as *grandes écoles* e as universidades e encorajar o ressurgimento de universidades históricas. Para entender por que a criação de universidades francesas fortes foi um desafio e, por muito tempo, um conceito quase estranho para os formuladores de políticas e acadêmicos franceses, é necessário um breve panorama histórico.

## De uma República de Faculdades a uma República de Universidades?

Após a Revolução Francesa, todas as universidades existentes foram abolidas, muitas das quais originalmente fundadas pela bula papal (Montpellier em 1289, Grenoble em 1339, etc.). Elas foram substituídas em 1806 por uma única instituição nacional chamada alternativamente de Universidade Imperial, Universidade da França ou simplesmente *l'Université*. Este último foi colocado sob a autoridade de um Grão-Mestre, ou ministro responsável pelas faculdades, com poderes consideráveis sobre as faculdades recriadas (ou seja, teologia, direito, medicina, humanidades e ciências). Essas faculdades se desenvolveram independentemente umas das outras e sem vínculo institucional apesar de estarem sob a égide da *l'Université*.

Paralelamente, as *grandes écoles* foram criadas com um objetivo vocacional, o de dotar a nação de engenheiros e mão de obra militar. Isso criou um novo tipo de instituição que educaria grande parte das elites da França, fora do setor universitário e ao contrário de outros países europeus. A fundação da Universidade de Berlim em 1810 teve pouco efeito na importação do modelo humboldtiano para a França, e foi somente em 1896 que faculdades separadas localizadas em uma mesma cidade foram colocadas sob uma identidade institucional comum. No entanto, o dano foi feito, permitindo que a dinâmica poderosa do corpo docente liderada por reitores anulasse quaisquer iniciativas centralizadas conduzidas pela universidade, levando a uma chamada “República das Faculdades.”

Inspirada por acadêmicos franceses voltados para o modelo americano, a *loi Faure* de 1968 inicialmente tentou criar universidades de pesquisa autônomas e multidisciplinares, responsáveis por sua própria administração, orçamento e oferta educacional. No entanto, o legado da “República das Faculdades” mostrou-se forte demais para conter, embora alguns resultados modestos tenham sido obtidos com a criação de universidades multidisciplinares em cidades de pequeno a médio porte. Em outros lugares, alianças disciplinares e políticas nas grandes cidades e na capital mostraram-se fortes demais para serem revertidas, levando à criação de “universidades” em torno de uma ou duas áreas amplas de assuntos relacionados, ou seja, as faculdades anteriores.

## O Ímpeto Para a Reforma

O primeiro ranking global de universidades em 2003, nomeadamente o Academic Ranking of World Universities (ARWU), também conhecido como ranking de Xangai, criou o que tem sido referido internamente como o “choque de Xangai”. Houve muita consternação com o desempenho relativamente decepcionante das instituições francesas. A má posição das prestigiosas *grandes écoles*, que em muitos casos se classificaram abaixo das universidades francesas, foi particularmente devastadora para as elites por ela produzidas. Isso foi percebido como uma barreira para a atratividade do ensino superior francês e como um obstáculo à competitividade da economia francesa baseada no conhecimento.

Não era óbvio para os poderes o que as universidades especializadas poderiam ganhar com a fusão com instituições multidisciplinares, tão profundamente consagradas estavam as fronteiras disciplinares nas mentes acadêmicas (e estudantis).

## Resumo

O panorama do ensino superior francês foi consideravelmente alterado no início do século XXI. Com o objetivo de aumentar a competitividade do setor em nível global, o governo francês conduziu o sistema por meio de processos de política estrutural que visam consolidá-lo e superar a divisão tradicional entre universidades e *grandes écoles*, ao mesmo tempo em que oferece incentivos que recompensam as fusões.

**Uma das últimas fusões finalizada em 2019, a Universidade Paris-Saclay, agora ocupa a 14ª posição globalmente.**

Isso foi somado a uma falta de interesse geral das elites políticas, em grande parte formadas em *grandes écoles*. No entanto, os rankings universitários e a ascensão do Modelo Global Emergente (EGM) da universidade de pesquisa puseram fim a essa apatia política, desafiando a mentalidade de acadêmicos e administradores universitários franceses.

### Investindo no “Melhor”: Iniciativas de Excelência

O esquema de Iniciativas de Excelência (IDEX), lançado em 2010 com o objetivo de desenvolver de 5 a 10 universidades de classe mundial, criou uma mudança estrutural profunda, muito mais eficaz do que os esquemas de incentivos anteriores (ex.: Plan Campus), mesmo que apenas por causa da magnitude do financiamento atribuído e o objetivo deliberado de implementar uma política de diferenciação dentro do setor universitário. Isso significou um afastamento significativo da política anterior, que não reconhecia qualquer diferença de status ou qualidade entre as universidades, ou dentro de qualquer categoria formal de instituições. A estrutura relativamente “plana” do setor universitário francês estava prestes a se tornar significativa e verticalmente diferenciada. O prestigioso selo IDEX foi concedido a 10 universidades ou consórcios de instituições em Aix-Marseille, Bordeaux, Grenoble, Lyon, Nice, Paris e Estrasburgo, permitindo que instituições se apresentassem, com o selo de aprovação do governo, como universidades de pesquisa líderes da França.

O esquema IDEX procurou fornecer os incentivos necessários para finalizar a consolidação estrutural em curso do setor (primeiro em 2007 através do *pôles de recherche et d'enseignement supérieur* [PRES], ou centros de pesquisa e ensino superior, substituídos em 2013 por *communautés d'universités et établissements*, ou comunidades de universidades e instituições de ensino superior [COMUE]). Recompensa instituições multidisciplinares de grande escala com uma forte missão de pesquisa, seja por meio da fusão de *grandes écoles* com universidades, seja por meio da fusão de universidades especializadas dentro da mesma cidade. Uma das últimas fusões finalizada em 2019, a Universidade Paris-Saclay, agora ocupa a 14ª posição globalmente, em uma classificação que mostra a Universidade de Paris Sciences et Lettres (PSL) e a Universidade de Sorbonne entre as 40 primeiras, enquanto a Universidade de Paris e a Universidade de Grenoble-Alpes aparecem no top 100 (ARWU, 2020).

### Conclusão

Com uma história tão traumática, não é surpreendente que as universidades francesas tenham tido dificuldade em se orientar. O sistema de ensino superior francês tem sofrido com seu paroquialismo e uma divisão autoimposta entre, por um lado, grandes universidades de acesso aberto que atendem à maioria dos alunos e, por outro, uma formação profissional de elite fornecida por pequenas e seletivas *grandes écoles*, preparando alunos para cargos executivos seniores no serviço público ou no setor privado.

Não é surpresa que as universidades mais bem classificadas sejam aquelas que conseguiram superar a natureza fragmentada do ensino superior francês e incluíam o melhor dos dois mundos, a saber, as *grandes écoles* e os setores universitários. A qualidade das instituições francesas não melhorou exponencialmente de repente, ela sempre esteve lá. No entanto, governos sucessivos conseguiram aproveitar essa qualidade e reformar o cenário do ensino superior para permitir que ele se traduzisse e se conformasse com as normas e conceitos globalmente aceitos em torno das universidades de “classe mundial” e do modelo cada vez mais dominante do EGM.

As consequências desta estratificação na dimensão vertical ainda estão por ver, em particular as implicações para o acesso e a escolha do aluno. Ao reabilitar a universidade como o meio dominante de ensino e pesquisa com financiamento público na França, os formuladores de políticas e a alta administração das instituições aceitaram os modelos universitários globais fornecidos pelo modelo Humboldtiano e pelo EGM.▲

*Ludovic Highman é professor associado em gestão de ensino superior, Centro Internacional para Gestão de Ensino Superior, School of Management, University of Bath, e associado de centro de pesquisa, Departamento de Educação, University of Oxford, Reino Unido. E-mail: lah26@bath.ac.uk*

# Ainda não é o Nirvana: Implicações para o Ensino Superior Internacional nas Eleições nos Estados Unidos

**Philip G. Altbach e Hans de Wit**

**G**rande parte do mundo do ensino superior, nos Estados Unidos e além, está radiante porque Donald Trump logo deixará o poder. Sua partida trará mudanças positivas e imediatas que afetarão os EUA e o cenário internacional de ensino superior. Mas o trumpismo está longe de acabar. O tipo de populismo e nacionalismo que Trump exemplifica continua a fazer parte da realidade americana — e das realidades de muitos outros países. A divisão entre os defensores anti-internacionais e anti-imigração e os negadores da mudança climática, por um lado, e aqueles a favor da colaboração internacional para ajudar a enfrentar os principais desafios locais e globais, é mais feroz do que nunca, nos EUA e no resto do mundo.

## Mudanças Rápidas

É claro que, durante a presidência de Trump, a comunidade de ensino superior dos EUA continuou a se envolver internacionalmente, mas as políticas e a retórica do governo Trump tiveram um impacto severo.

Políticas que provavelmente serão revertidas rapidamente são restrições de visto, elementos da “proibição muçulmana” que ainda podem estar em prática, restrições de tempo em vistos de estudante, regulamentos rígidos sobre Treinamento Prático Opcional (OPT) e visto H-1B e outros. Os regulamentos relativos às nomeações de pós-doutorado voltarão à prática tradicional. Os procedimentos para que graduados estrangeiros obtenham um *green card* se tornarão mais fáceis. E o programa DACA (Deferred Action for Childhood Arrivals), que não afeta diretamente o ensino superior internacional, mas oferece proteção a 643.000 imigrantes, será reinstaurado. Os programas de intercâmbio existentes, como o Fulbright, que estavam sob ameaça e sofreram cortes no orçamento, estarão seguros. Esperançosamente, a politização partidária das iniciativas internacionais acabará.

Em geral, as políticas governamentais dos EUA relacionadas ao ensino superior internacional muito provavelmente reverterão às normas anteriores ao Trump. Mas, com a contínua crise de COVID-19 e as conseqüentes interrupções fiscais e econômicas, novas iniciativas são muito improváveis. Dada a forte determinação da nova vice-presidente Kamala Harris, questões importantes de racismo e desigualdade no ensino superior, em particular no estudo no exterior e nas políticas estudantis internacionais, receberão atenção renovada. Mas dada sua presença sistêmica no setor, não serão fáceis de superar.

## Tendências Mais Amplas

No geral, a transição para a presidência de Biden nos Estados Unidos implicará em uma mudança substancial no tom em direção ao aumento da colaboração internacional em pesquisa e educação e a revisão de uma série de medidas draconianas que afetaram estudantes, professores e parcerias internacionais. Mas pode-se perguntar se será possível corrigir os enormes danos infligidos à reputação internacional do país nos últimos quatro anos. Na melhor das hipóteses, pode-se dizer que o ensino superior internacional estará em um estado menos deplorável sob Biden do que sob Trump, e isso, por si só, é algo a se comemorar. ▲

## Resumo

A saída de Donald Trump como presidente dos EUA trará algumas mudanças imediatas e positivas para o cenário do ensino superior internacional e dos EUA. Mas o tipo de populismo e nacionalismo que Trump exemplificou continua a fazer parte da realidade dos EUA — e das realidades de muitos outros países. Na melhor das hipóteses, pode-se dizer que o ensino superior internacional ficará em um estado menos deplorável com Biden, e isso é algo a se comemorar.

*Philip G. Altbach é professor pesquisador e ilustre bolsista do Centro Internacional de Ensino Superior do Boston College (CIHE), EUA.  
E-mail: altbach@bc.edu  
Hans de Wit é professor emérito e ilustre membro do CIHE.  
E-mail: dewitj@bc.edu.*

## ATUALIZAÇÕES CIHE

Em 1º de novembro de 2020, o Centro Internacional de Ensino Superior (CIHE) na Escola Lynch de Educação e Desenvolvimento Humano, do Boston College, passou por uma mudança em sua liderança e seus cargos. O centro será dirigido pelo Diretor Acadêmico Gerardo Blanco, também professor associado, e pela Diretora-Geral Rebecca Schendel, também professora assistente. Hans de Wit, Diretor do Centro de 2015 a 2020, se tornará Membro Emérito do CIHE e Professor Emérito, e o Diretor-Fundador Philip Altbach combinará sua posição de Professor Pesquisador com o título de Membro Emérito do CIHE.

Eles formam a equipe responsável pelas atividades do centro na área de ensino e treinamento, pesquisa e publicação, com o apoio dos atuais assistentes de pós-graduação do CIHE: Tessa DeLaquil, Lizhou (Jo) Wang, Maia Gelashvili e Mathew Rombalski, e da Auxiliar Administrativa Salina Kopellas.

## Conferência CIHE

De 23 a 24 de outubro de 2021, o CIHE organizará sua primeira Conferência Internacional de Educação Superior, um evento originalmente planejado para outubro de 2020 para comemorar o 25º aniversário do centro e sua principal publicação *International Higher Education*. A conferência terá duas vertentes: Ensino Superior Internacional e Internacionalização do Ensino Superior. Convidamos você a nos enviar uma proposta de artigo, com título, resumo de no máximo 500 palavras e uma pequena biografia de 175 palavras. As inscrições devem ser enviadas para [internationalhighered@bc.edu](mailto:internationalhighered@bc.edu) até **15 de Maio, 2021**. Por favor, marque explicitamente o assunto de seu e-mail como "Envio para a conferência"

## WES–CIHE Summer Institute

Partindo do princípio de que será possível reunir-se pessoalmente até junho de 2021, lançamos a chamada de propostas para o 2021 WES-CIHE Summer Institute, programado para ser realizado no Boston College de 9 a 11 de junho de 2021. Todos os alunos de pós-graduação e profissionais em início de carreira estão agora convidados a enviar uma proposta sobre o tema "Internacionalização Inovadora e Inclusiva no Ensino Superior."

## PUBLICAÇÕES CIHE

Em sua série *CIHE Perspectives* o centro publicou "Institutos Católicos de Educação Superior na África Ocidental Francófona: Desafios, Promessas e Compromissos de Rede", por Jean Baptiste Diatta (CIHE Perspectives No. 17) e "Internacionalização inovadora e inclusiva: Procedimentos do WES-CIHE Summer Institute 2020," editado por Hans de Wit e Tessa DeLaquil (CIHE Perspectives No. 18).

# Internacionalização do Ensino Superior

Políticas e Prática

- ✓ **4 edições por ano**  
em inglês  
com 6–7 artigos por edição
- ✓ **Acesso ilimitado**  
ao site da publicação
- ✓ **€268**  
anual + frete
- ✓ **€241,20 (Online)**  
custo anual
- ✓ **Licenças de Campus**  
também disponíveis



*Internationalisation of Higher Education – Policy and Practice* é uma publicação para profissionais e formuladores de políticas do ensino superior. Examina as políticas, processos e atividades de internacionalização, abordando questões-chave na internacionalização do ensino superior e colocando-as no contexto de desenvolvimentos globais.

# Conferência Inaugural sobre Educação Superior Internacional

Marcando o 25º aniversário do Center for International Higher Education

22–23 outubro  
**2021**



**BOSTON COLLEGE**

Lynch School of Education and Human Development

CENTER FOR INTERNATIONAL HIGHER EDUCATION

## *Incluindo*

Apresentações principais

Painel de discussão

Apresentações de artigos individuais

*Interessado em apresentar?*

Envie um resumo até 15 de maio de 2021

» [BC.EDU/CIHE](https://bc.edu/cihe)

Are you a graduate student or early career professional? Join us at the next WES-CIHE Summer Institute on

## **INNOVATIVE AND INCLUSIVE INTERNATIONALIZATION IN HIGHER EDUCATION**

Boston College | June 9–11, 2021

To learn more and submit a proposal, visit:  
[wes.org/2021-wes-cihe](https://wes.org/2021-wes-cihe)



## Conselho Editorial *IHE*

O *International Higher Education* tem um conselho editorial composto por destacados especialistas em ensino superior para fornecer insights, sugerir tópicos e aumentar a visibilidade da publicação.

O Conselho Editorial é composto pelos seguintes membros:

- ✔ **Andrés Bernasconi**, Pontifícia Universidade Católica do Chile, Chile
- ✔ **Eva Egron-Polak**, Ex-Secretária Geral, Associação Internacional de Universidades, França
- ✔ **Ellen Hazelkorn**, BH Consulting Associates, Irlanda
- ✔ **Jane Knight**, Universidade de Toronto, Canadá
- ✔ **Marcelo Knobel**, Universidade de Campinas, Brasil
- ✔ **Betty Leask**, Universidade La Trobe, Austrália
- ✔ **Nian Cai Liu**, Universidade Shanghai Jiao Tong, China
- ✔ **Laura E. Rumbley**, Associação Europeia de Educação Internacional, Holanda
- ✔ **Jamil Salmi**, Especialista Terciário Global, Colômbia
- ✔ **Damtew Teferra**, Universidade KwaZulu-Natal, África do Sul
- ✔ **Akiyoshi Yonezawa**, Universidade Tohoku, Japão
- ✔ **Maria Yudkevich**, Universidade Nacional de Pesquisa, Faculdade de Economia, Rússia

**Gestão de Projeto:** Alicia Heim

**Ilustração da Capa:** [axeptdesign.de](http://axeptdesign.de)

Os autores e editores declaram quem as informações contidas nesta edição estão atualizadas até o momento da publicação. No entanto, não há nenhuma representação ou garantia com relação à precisão ou integridade do conteúdo ou dos materiais inclusos, e especificamente se isentam de quaisquer garantias implícitas ou comercialização ou adequação a qualquer finalidade específica e, em caso algum, serão responsáveis por qualquer perda de lucro ou qualquer outro dano comercial, incluindo, entre outros, danos especiais, incidentais, consequenciais ou outros.

**Marcas:** Todos os nomes de marcas e produtos usados nesta publicação são marcas comerciais, marcas comerciais registradas ou nomes comerciais de seus respectivos proprietários e são usados apenas para fins de identificação.

**DUZ Verlags- und Medienhaus GmbH**  
**DUZ Academic Publishers**

Kaiser-Friedrich-Straße 90  
10585 Berlin  
Alemanha

**Tel.:** +49 (0)30 21 29 87-0

**Fax:** +49 (0)30 21 29 87-20

**Internet:** [www.internationalhighereducation.net](http://www.internationalhighereducation.net)



**International Higher Education é uma publicação trimestral do Boston College Center for International Higher Education.**

O boletim é um reflexo da missão do Centro de incentivar uma perspectiva internacional que contribua para políticas e práticas esclarecidas. Através do *International Higher Education*, uma rede de ilustres acadêmicos internacionais oferece comentários e informações atuais sobre questões-chave que moldam o ensino superior em todo o mundo.